

Maristela Rosa da Silva

Objetividade X Subjetividade

Uma análise do telejornalismo opinativo no Brasil

Trabalho de conclusão de Curso. Apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação Social da UFJF.

Orientador: Márcio de Oliveira Guerra

Juiz de Fora

Fevereiro de 2014

Maristela Rosa da Silva

Objetividade X Subjetividade

Uma análise do telejornalismo opinativo do Brasil

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação Social da UFJF

Orientador: Márcio de Oliveira Guerra

Trabalho de Conclusão aprovado em 06/02/2014

pela banca composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Márcio Oliveira Guerra – Orientador

Prof. Dr. Iluska Maria da Silva Coutinho – Convidada

Prof. Ms. Renata Vargas – Convidada

Conceito Obtido _____

Juiz de Fora

Fevereiro de 2014

RESUMO

Este trabalho trata do tema telejornalismo opinativo. A partir de análise de conteúdo de dois telejornais brasileiros – jornal da Globo e SBT Brasil – é observado o quanto e de que maneira a opinião se faz presente no conteúdo noticioso de TV no Brasil. A pesquisa ainda busca compreender se há divisão entre conteúdo opinativo e conteúdo informativo e se esta é feita de forma clara nesses telejornais. Na análise são observadas duas edições de cada telejornal, o que dá quatro telejornais analisadas. O objetivo inicial não é chegar a denominadores conclusivos, mas começar a compreender como o telejornalismo e a opinião se integram nos noticiários do país.

Palavras chave: Telejornalismo; opinião; objetividade; subjetividade.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	05
2 TELEJORNALISMO.....	07
2.1 CONCEITOS E FORMAS.....	08
2.2 LIGUAGEM.....	11
2.3 A FIGURA DO ÂNCORA.....	14
3 OPINIÃO.....	17
3.1 OQUE É?.....	18
3.2 QUESTÕES ÉTICAS.....	21
3.3 MODALIDADES OPINATIVAS.....	26
4 ESTUDO DE CASO – ANÁLISE DOS TELEJORNAIS.....	30
4.1 JORNAL DA GLOBO.....	31
4.2 SBT BRASIL.....	32
4.3 ANÁLISE JORNAL DA GLOBO 17 DE JANEIRO DE 2014.....	33
4.4 ANÁLISE SBT BRASIL 17 DE JANEIRO DE 2014.....	39
4.5 ANÁLISE JORNAL DA GLOBO 15 DE JANEIRO DE 2014.....	47
4.6 ANÁLISE SBT BRASIL 15 DE JANEIRO DE 2014.....	53
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
TABELA1.....	41
TABELA 2.....	43
TABELA 3.....	46
TABELA 4.....	48
TABELA 5.....	49
TABELA 6.....	54

TABELA 7.....	57
TABELA 8.....	60
TABELA 9.....	64
TABELA 10.....	66
TABELA 12.....	72

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a observar como o telejornalismo brasileiro faz uso de opinião em seu conteúdo. Vamos analisar se o conteúdo opinativo está realmente presente no noticiário brasileiro e, se sim, em que escala.

O que se pretende é responder a seguinte pergunta: Como o jornalismo opinativo se dá no telejornalismo brasileiro atualmente? A hipótese inicial é de que a opinião se encontra em grande escala no telejornalismo do Brasil, ainda que de forma velada.

Esta pergunta é respondida através da análise de dois telejornais: Jornal da Globo (Rede Globo) e SBT Brasil (SBT), nas seguintes edições : Jornal da Globo e SBT Brasil edições do dia 17 de janeiro de 2014 e edições do dia 15 de janeiro de 2014.

É observado, em um primeiro momento, a evolução do telejornalismo: seus conceitos e formas, sua linguagem e a importância da figura do âncora. Assim há um panorama do veículo do qual o trabalho trata, a fim de se perceber as características principais do meio e suas potencialidades no que diz respeito a transmissão de opinião.

Ainda antes da análise o trabalho trata do termo “opinião”. O capítulo 3 trata especificamente do que significa a palavra, quais as questões éticas envolvidas dentro do jornalismo opinativo e quais as modalidades possíveis, dentro do conteúdo noticioso.

Esse tema foi escolhido devido a sua relevância atual. A TV é ainda o veículo de informação mais presente na casa dos brasileiros (está em mais de 90% dos lares), sendo assim, o telejornalismo tem um alcance expressivo.

Já a opinião no conteúdo jornalístico vem, durante muito tempo, dividindo opiniões. Enquanto alguns defendem que o jornalismo deve ser imparcial e isento, outros afirmam que a opinião é importante, a fim de gerar reflexão no telespectador.

Um exemplo atual da força do telejornalismo opinativo é Rachel Sheherazade. A jornalista que, em 2003, assumiu a bancada do Tambaú Notícias, telejornal diário da TV Tambaú, afiliada do SBT na Paraíba, tomou notoriedade nacional depois que um de seus comentários feito no telejornal local se tornou destaque na internet – hoje a jornalista é âncora no SBT Brasil.

Porém, a opinião nos telejornais vai além dos comentários realizados pelo âncora, e é com o objetivo de observar melhor quais as formas e a força da opinião nos noticiários, que este trabalho ganha sustentação.

Para tanto, recorreremos à análise dos telejornais. Nesta análise específica das edições dos telejornais SBT Brasil e Jornal da Globo, o conteúdo opinativo é quantificado a partir de análise de conteúdo. As quatro edições dos noticiários foram assistidas através do site do Jornal da Globo e do SBT Brasil, que disponibilizam os noticiários, depois de já veiculados na TV, para a internet.

Cada edição analisada conta com três quadros de controle: 1. O primeiro trata das categorias opinativas e contém o número de quantas vezes essas categorias foram exploradas na edição; 2. O segundo quadro contém todas as matérias e notas do jornal naquela edição e a contagem de quantos conteúdos julgados opinativos houveram em cada matéria e no total, em todo o jornal e 3. O último quadro trata especificamente dos âncoras – quantas e quais inserções opinativas cada um fez e o total dos dois (tanto o Jornal da Globo, quanto o SBT Brasil conta com dois âncoras).

Desta forma as edições são analisadas de forma detalhada. Este detalhamento propicia a percepção de como e o quanto de opinião esses dois telejornais utilizam em seu conteúdo noticioso. A partir dessas edições é possível, não tirar uma conclusão absoluta e conclusiva, mas começar a perceber de que formas o telejornalismo opinativo se apresenta para o tele espectador, suscitando até mesmo pesquisas futuras.

2 TELEJORNALISMO

Para compreender como se caracterizam os telejornais Jornal da Globo e SBT Brasil, é importante observemos mais de perto o telejornalismo no Brasil. Para tanto, iremos discutir os conceitos e formas que o jornalismo de TV no Brasil adquiriu, a linguagem utilizada nos telejornais e a figura do âncora - qual o papel deste personagem no conteúdo telejornalístico?

Com uma história de mais de 60 anos, a TV no Brasil sempre contou com um conteúdo jornalístico. “O desenvolvimento do telejornalismo no Brasil foi alavancado por patrocinadores multinacionais que já conheciam o sucesso e a importância do gênero em seus países de origem. O primeiro telejornal reflete essa tendência mundial” (SOUZA, 2004, p.149). O telejornal em questão, considerado o primeiro de real notoriedade com as características atuais, é Repórter Esso, exibido pela extinta TV Tupi, primeiro canal de TV brasileira¹.

Gontijo Teodoro, primeiro apresentador de telejornal do Brasil, escreveu em seu livro: “Mas aos poucos o Repórter Esso sentiu necessidade de ser TV e não rádio. Modificou-se, ganhou formato próprio e seguiu a sua trajetória pioneira refletindo a estrutura do telejornalismo norte-americano, adaptado ao nosso gosto”. (Souza, 2004, p.152)

Surgido do rádio, o Repórter Esso foi pra TV e também ganhou notoriedade no veículo. Desde então, o fazer jornalístico mudou gradativamente. A TV foi crescendo e criando seu próprio modo de construção e o telejornalismo também acompanhou esta evolução.

¹ Em 4 de agosto de 1952, a TV Tupi veio a fechar importante contrato com a Esso para a apresentação do Repórter Esso. O prestígio do programa já vinha do rádio, no qual se tornou o noticioso de maior evidência. Fora lançado em 20 de agosto de 1941 na rádio Nacional. Na TV, eram programas de cinco minutos, várias vezes ao dia e contendo as últimas e mais destacadas notícias.

2.1 CONCEITOS E FORMAS

Em linhas gerais o jornalismo de TV é definido como “um programa que apresenta características próprias e evidentes, com o apresentador em estúdio chamando matérias e reportagens sobre os fatos mais recentes” (SOUZA, 2004, p.149). Dentro dessa estrutura básica, o telejornalismo não alterou muito sua forma de apresentação ao público.

O formato pioneiro no gênero telejornal foi o noticiário, com o apresentador lendo textos para a câmera, sem outras imagens nem ilustrações. O primeiro formato a aparecer no vídeo mantém, até hoje, sua fórmula básica: um ou mais apresentadores leem os textos e apresentam as reportagens externas realizadas pelos jornalistas, ao vivo ou gravadas. Comentaristas especializados também fazem parte dos principais telejornais. (SOUZA, 2004, p.152)

Outro conceito importante para o telejornalismo e que influi diretamente em seu formato é a “atualidade”. Por isso, “Os principais telejornais continuam sendo transmitidos ao vivo, pois dão um tom de atualidade e permitem a realização de entrevistas em diversos pontos do país e do mundo” (Souza, 2004, p. 152). Os telejornais SBT Brasil e Jornal da Globo, também seguem esse princípio.

Até mesmo o cenário de um telejornal pode ser uma forma de reafirmar o conceito de “atualidade”, além de também confirmar que naquele local se trabalha em prol da informação.

Normalmente, os cenários dos telejornais colocam os apresentadores em um platô, isto é, em um estrado mais alto, sentados em uma bancada, tendo como fundo espécies de mapas de globo terrestre, ou telas e telões. Essa posição de superioridade já assinala de antemão quem, nesse contexto, detém a informação e, conseqüentemente, o poder. O fundo do cenário aponta para o domínio que a emissora e o programa detêm sobre a informação de acontecimentos em nível planetário. Mais ainda, completando esse cenário, muitas vezes, ao redor desse platô central, mas em plano mais abaixo, há uma série de mesas de trabalho com pessoas, todas em movimento, operando computadores, algumas até mesmo caminhando apressadamente de um lado para o outro. Essa complementação do cenário com a redação em plano mais baixo garante os efeitos de atualidade do noticiário. É como se a notícia estivesse chegando quentinha, pronta para entrar no ar, mesmo quando na verdade se tratam das “requentadas”. (DUARTE, 2008, p.8)

Porém, para conceituar o telejornalismo de uma forma mais profunda, partiremos da análise de *Itania Maria Mota Gomes*, no artigo, *Metodologia de análise de Telejornalismo*. Segundo Gomes (2011), o telejornalismo se caracteriza como “uma construção social, no sentido de que se desenvolve numa formação econômica, social, cultural particular e cumpre funções fundamentais nessa formação”, assim as formas que o telejornalismo assumi se dá de acordo com a cultura em que ele está inserido, uma vez que ele a transforma e é transformado por ela.

Contudo, é notório que o jornalismo brasileiro, de uma forma geral, se baseia no modelo estadunidense, no que diz respeito às noções de “imparcialidade” e “objetividade”. Gomes (2011) também disserta sobre isso:

No Brasil, em que o jornalismo supostamente reproduziria o modelo de jornalismo independente estadunidense, pensar o jornalismo como instituição social requer colocar em causa a relação entre jornalismo e a noção habermasiana de esfera pública⁴, com suas implicações sobre a noção de debate público e vigilância pública; a perspectiva liberal sobre o papel democrático da mídia; a noção de quarto poder, em que está implícita a autonomia da imprensa em relação ao governo, o direito à liberdade de expressão e o compromisso com o interesse público; o caráter público ou privado da empresa jornalística. (Gomes, 2011, pag. 20)

Neste contexto o telejornalismo se põe, ao mesmo tempo, como o veículo que transmite e que debate a notícia. De acordo com Gomes (2011), o telejornalismo no Brasil promove o “debate público”, o que lhe exige autonomia e “compromisso com o interesse público”.

Dentro desses conceitos de “debate público” e autonomia é que se encaixa o conceito de opinião nos telejornais, segundo *Cíntia Aparecida Sousa*, no artigo, *A opinião no telejornalismo brasileiro matutino*. Sousa (2012) acredita que o telejornalismo pode ser separado em dois grandes blocos, onde um se refere à informação e outro a opinião.

Assim, entende-se como gênero informativo todas as produções que objetivam apenas informar o leitor ou telespectador de um determinado fato, sem a preocupação com um olhar mais crítico. Enquanto, o gênero opinativo consiste, não apenas em informar, mas sim deixar transparecer ao público a opinião do veículo transmissor ou do profissional, isto é, “atribuir valores aos acontecimentos” (MELO, 2003, p.101). (Sousa, 2012, p. 03) ’

Assim, compreende-se que o telejornalismo tem como conceito dividir de forma clara o que é informação e o que é opinião, sendo essa última uma forma de promover o debate público e a reflexão crítica. Neste momento o telejornalismo age como um “regulador social”, como descrito por Gomes (2011).

Porém, antes de aprofundarmos no conceito do que é opinião no jornalismo brasileiro, é importante entendermos os conceitos gerais em que ele se baseia. Esses conceitos são: “interesse público, objetividade, atualidade, credibilidade, independência, legitimidade” (GOMES, 2011, p.22). Sob eles o jornalismo do Brasil tomou forma e criou sua própria linguagem.

Mesmo se apoiando em bases comuns ao jornalismo como um todo, o telejornalismo é compreendido por Gomes (2011) como uma cultura específica, com suas próprias particularidades, incluindo uma maneira própria de fazer, entender e transmitir a notícia.

No caso do telejornalismo, acreditamos que, para entendê-lo, é preciso compreender a notícia como uma forma cultural específica de lidar com a informação e o programa jornalístico televisivo como uma forma cultural específica de lidar com a notícia na TV. (Gomes, 2011, pag. 23)

Esta cultura específica sofre transformações à medida que a sociedade transforma sua maneira de consumir o produto jornalístico. Um exemplo recente de mudança significativa no formato telejornalístico se deu com a popularização da internet e das redes sociais. Gomes (2011) também destaca essa transformação.

Ao mesmo tempo em que a convergência tecnológica implica uma reorganização do processo de produção jornalística, com consequências sobre o que costumamos chamar de cultura jornalística, as tecnologias digitais têm favorecido, senão o surgimento, a consolidação do jornalismo de tipo cidadão, com a proliferação dos recursos de interatividade, dos *blogs*, *chats*, do jornalismo *open source* e de sites de disponibilização de vídeos que tendem a reconfigurar os valores jornalísticos e a relação entre jornalismo e público. No caso específico do telejornalismo, verificamos, por exemplo, que cada vez mais as grandes emissoras têm utilizado imagens de amadores, em particular de filmes produzidos com telefones celulares – imagens, portanto, que não seguem quaisquer dos critérios profissionais de controle e verificação da informação – como modo justamente de ampliar a autenticidade e a veracidade dos programas telejornalísticos. (Gomes, 2011, pag. 23)

Gomes (2011) destaca que o papel a interatividade promovida pela *web* favoreceu o crescimento do chamado “jornalismo de tipo cidadão”, nos telejornais. Isso implica dizer que o “interesse público” a critério dos jornalistas, recebe doses de produção popular. Este também contribui para a construção da “autenticidade e veracidade” no jornalismo de TV.

2.2 LINGUAGEM

Se o telejornalismo é uma “construção social”, como afirma Gomes (2011), a elaboração de sua linguagem tem um papel importante na construção do conteúdo jornalístico. Para entender melhor as características desta linguagem específica, partiremos do artigo *Poucas Palavras: um estudo da linguagem oral no telejornalismo brasileiro*, de *Ivete Cardoso do Carmo Roldão*. A autora linguagem oral no telejornalismo acontece através de um “falso dialogo”.

No entanto, é importante compreender que o telejornalismo se utiliza do discurso erístico, “que é aquele citado por Platão no diálogo ‘República’ em que não há troca entre falante e ouvinte, não dá chance ao interlocutor de se manifestar. O falante ganha a discussão pela argumentação erística, isto é, se utilizando de jogos de palavras que deixam o ouvinte sem condições de responder.” (RIBEIRO, 1988 : 16). Portanto, a primeira consideração importante no nosso entender é que a manifestação da palavra falada no telejornalismo se dá sem diálogo, ou através de um falso diálogo. (ROLDÃO, 2001, p.5)

Este conceito de “discurso erístico” e “falso diálogo” demonstra como a construção de linguagem telejornalística se dá de forma cautelosa, a fim de que as informações cheguem até o público de forma clara, uma vez que “Na televisão, não dá pra voltar atrás e ler de novo ou ouvir de novo. É importante, pois, que o texto seja claro, direto, simples, enfim, tenha as virtudes da linguagem coloquial. O locutor conversa com o telespectador” (Roldão, 2001, p.4)

A princípio, a regra básica para a construção de frases e sentenças seria “sujeito + verbo + complemento” (Roldão, 2001, p3), porém as combinações de códigos na formação da linguagem televisiva vão muito além. Roldão (2001) usa os conceitos de Umberto Eco para explicar essas combinações:

Umberto Eco para definir a linguagem televisiva como o resultado da combinação de três códigos: o icônico, o linguístico e o sonoro. O código icônico reporta-se à percepção visual. O código linguístico, refere-se à língua que se fala e se escreve, abrange uma ampla variedade de palavras e combinações de palavras (frases). O código sonoro são relativos à música e aos efeitos sonoros, os signos se manifestam também isolados ou como parte de uma montagem. Podem ser os sons que denotam a si mesmos (uma vinheta sonora) e os que reproduzem ruídos da realidade (um latido, um disparo de arma, etc.) (ROLDÃO, 2001, p.8)

Esses três códigos: icônico, linguístico e sonoro; aliados, dão o sentido desejado ao conteúdo televisivo jornalístico e contribuem para que o telespectador identifique, nos telejornais os conceitos de: “interesse público, objetividade, atualidade, credibilidade, independência, legitimidade” (GOMES, 2011, p.22).

Analisando cada código de forma isolada, percebemos que estes são variantes e seu padrão é flexível. No caso do código linguístico, por exemplo, as construções se adequam de maneira a se encaixar no entendimento popular. “Portanto podemos considerar que a expressão oral do telejornalismo se utiliza tanto do padrão da linguagem escrita baseado em normas gramaticais, como no padrão oral (coloquial) baseado na linguagem utilizada no cotidiano da população” (ROLDÃO, 2001, p. 5).

Porém, segunda a fonoaudióloga, *Cláudia Simone Godoy Cotes*, em sua tese de mestrado, *Apresentadores de Telejornal: Análise descritiva dos recursos não verbais e vocais durante o relato da notícia*, o código linguístico no telejornalismo vai muito além do texto falado. Para Cotes (2000) o código linguístico usado no telejornalismo envolve recursos vocais como “a curva entoacional (ascendente, descendente, nivelada), a intensidade, a pausa e a duração” (COTES, 2000, p.8) do que é dito.

Sobre os recursos “não verbais”, que se encaixam no conceito de Umberto Eco, de código “icônico”, ou seja, aquilo que está na ordem da visão para o telespectador, Cotes (2000) afirma que estes são de extrema importância nas relações humanas e no entendimento de mensagens:

Durante a comunicação, o homem, além de utilizar os recursos verbais e vocais, também faz uso simultaneamente de recursos não-verbais, que transmitem uma gama enorme de mensagens por meio dos gestos, das expressões faciais, da postura, da aparência física e até da roupa. Esses recursos fazem parte da Comunicação Não-Verbal. (COTES, 2000, p.14)

Em sua análise de telejornais Cotes (2000) listou os recursos não verbais: “o espaço (proxêmica), as expressões faciais, a postura, e os gestos” (COTES, 2000, p.8). Todos estes influem diretamente na compreensão do telespectador e, apesar de essas separações não parecerem muito claras no ato jornalístico, os profissionais de telejornalismo têm se preocupado com esta faceta da linguagem televisiva.

Assessorando repórteres e apresentadores de televisão, pudemos observar grande preocupação desses profissionais em relação à sua própria performance, em que as áreas: verbal, vocal e não-verbal caminham lado-a-lado, mas muitas vezes, confundem o profissional quanto à melhor forma para tornar-se mais expressivo.(COTES, 2000, p. 14)

Outra questão importante e polêmica na linguagem telejornalística é a imagem frente à notícia ou ao texto jornalístico. Entre as mídias tradicionais, a saber, rádio e impresso e TV, a televisão se diferencia pela imagem em movimento. Há quem diga que “TV é imagem”, porém, para Roldão (2001), em um telejornal a imagem e o texto se equivalem.

Entendemos que a importância da palavra e da imagem é equivalente. No telejornalismo é o casamento das duas que vai levar ao telespectador a mensagem completa. Isso não quer dizer que não se deve dar a notícia se não tiver imagem – a notícia é sempre o mais importante – mas o ideal na televisão é que se busque também a imagem, pois este é o seu diferencial. (ROLDÃO, 2001, p.8)

Sendo assim, a produção de sentido se dá através da conjunção entre imagem e texto. Estes, junto aos conceitos anteriores, compõem a linguagem telejornalística.

2.3 A FIGURA DO ÂNCORA

Se os conceitos e formas do telejornalismo, além de sua linguagem, são imprescindíveis para a compreensão e construção deste produto, os âncoras não ficam atrás. Esses profissionais são tão importantes que se pode dizer que “Os apresentadores [âncoras] são a “propaganda” do telejornal” (DALLEGRAVE, 2008, p.4), isto porque o âncora tem o poder de exercer uma relação de empatia com o telespectador. “Por intermédio dessa empatia criada entre apresentador e receptor, o programa jornalístico vai ganhando credibilidade e atraindo maior público, identificado com o enunciador e com a programação”. (RUHEE, 2007, p. 54).

Porém, mais do que atrair público o âncora, através de sua figura e comportamento dá o tom próprio ao telejornal. “A seriedade [dos telejornais], no caso dos apresentadores, tem como formas de expressão a aparência física, a postura corporal, o penteado, o vestuário, o comportamento contido, a voz pausada, o uso impecável da linguagem verbal, etc.” (Duarte, 2008, p. 9).

Em conformidade com a ideia da importância deste profissional atualmente, Silva (2009) define os âncoras como “[...] verdadeiros agentes sociais que não apenas transmitem notícias, mas também interpretam e quase sempre opinam sobre os grandes acontecimentos do mundo” (SILVA, 2009, p. 2)

A figura destes profissionais e seu papel na transmissão de credibilidade do conteúdo, além de seu poder de empatia com o público, são tão valorizados atualmente que nem mesmo a vestimenta dos âncoras é deixada de lado.

De um apresentador é esperado não só que saiba falar, mas também que domine a postura diante das câmeras. A questão da boa apresentação é tão fundamental nos telejornais que, nas emissoras, as roupas, a maquiagem e o corte de cabelo do âncora não são decididos por ele próprio. Na Rede Globo, por exemplo, há uma equipe formada por 20 profissionais, que assessoram toda a Central de Telejornalismo. (RUHEE, 2007, p. 55)

A exigência de que o âncora “domine a postura diante da câmera” também demonstra a valorização e a transformação que o papel deste profissional sofreu. Se agora se entende esse profissional como uma peça chave nos telejornais, no início da TV brasileira as coisas eram diferentes:

No início, os telejornais funcionavam como um rádio com imagens. Os apresentadores liam as notas extraídas dos jornais impressos, faziam o chamado “gilettepress”. O modelo utilizado na televisão foi importado do rádio, ou seja, não se criou uma linguagem específica para o veículo. (SILVA, 2009, p.8)

A figura física do âncora começou a ser observada na década de 1960. Quando a TV Globo entendeu que a figura de um apresentador poderia segurar a audiência de seu telejornal.

A escolha dos locutores era cuidadosa. Homens de boa aparência e bonito timbre de voz eram estratégia para “segurar” o público feminino que estava nas novelas. Cid Moreira foi o escolhido para encarar o *Jornal Nacional*. Experiente (já havia se destacado no *Jornal de Vanguarda*), tornou-se a filosofia do programa por anos a fio (SILVA, 2009, p. 12).

Concordando com a importância da aparência do âncora para o telespectador Ruhee (2007) defende que “é preciso causar uma boa impressão desde o começo”, porém ressalta que a questão da fala – boa dicção, entonações bem colocadas – não podem ser deixadas de lado.

O conjunto envolvendo postura, boa aparência e desenvoltura do apresentador traz sua contribuição, mas a linguagem e a forma de narrativa utilizada terão uma função especial na dinâmica de atrair a atenção de quem está ouvindo e assistindo ao programa. Por isso que é preciso causar boa impressão desde o princípio, para manter o telespectador atento ao telejornal. (RUHEE, 2007, p. 53)

No que diz respeito telejornalismo opinativo, que é o tema central desta monografia, os âncoras também exercem um papel de destaque. Para Ruhee (2007) “A partir do entendimento do papel do âncora é possível compreender qual a mensagem que a emissora de TV está tentando passar, na medida em que o substrato ultrapassa os limites da simples informação” (RUHEE, 2007, p. 51).

Segundo Silva (2009), Boris Casoy foi o pioneiro, entre os âncoras brasileiros, a “ultrapassar os limites da simples informação”

[...] Boris Casoy, que assumiu a ancoragem do *Telejornal Brasil*. (REZENDE,2000, p.126) Consagrado no jornalismo impresso, onde chegou ao cargo de editor-chefe da *Folha de S. Paulo*, Casoy desenvolveu um jeito bem particular de apresentar o programa que fugia do modelo norte-americano. Além de ler notícias e conduzir o telejornal, ele passou a fazer entrevistas e emitir comentários pessoais sobre os fatos noticiados. O que levou muitos críticos e profissionais de outras emissoras a acreditar que aquilo era uma deturpação do trabalho do âncora (SILVA, 2009, p.13)

Este modelo iniciado por Casoy no Brasil está em conformidade com papel de “abrir portas para o diálogo”, que Ruhee (2007) descreve como uma das atribuições modernas do âncora.

No telejornalismo, sempre coube à figura do âncora o papel de interligar os acontecimentos dentro do telejornal e buscar a interação do conteúdo noticioso com seu público. [...] Por estar na vitrine do telejornal, compete a ele a função de abrir as portas para esse diálogo entre mídia e receptor. (RUHEE, 2007, p. 51)

Porém, nesta construção do diálogo com o telespectador, mais uma vez a questão física do apresentador se faz importante. Como TV é imagem, a maneira como o âncora se porta também contribui para que a “interação” do público com o conteúdo passado aconteça.

Os apresentadores também precisam agregar fatores da linguagem corporal para instaurar com o telespectador uma situação de diálogo. Se quando duas ou mais pessoas conversam pessoalmente ficam constantemente movimentando braços, mãos, fazendo expressões faciais para dar maior sentido ao fato narrado, nos telejornais os âncoras têm que agir semelhantemente. Isso ocorre pelo fato de haver a necessidade do enunciatador buscar esta relação de proximidade com o espectador, o que não ocorreria no caso de uma postura estática deste comunicador, o que ainda evidenciaria a leitura dos diálogos via *teleprompter*. Então, os fatores linguagem, gestos, sons e imagens resultarão no produto final da comunicação, para o que contribui a confiança despertada pelo apresentador no público (RUHEE, 2007, p.56)

Dallegrave (2008) também concorda que a postura do âncora ajuda na criação do “diálogo” com o público. Em seu estudo de caso percebeu que os âncoras mantinham uma postura “firme” e constatou que esta firmeza transparecia na fala dos apresentadores:

Todos os três âncoras analisados possuíam uma postura *firme*, que segundo Weil e Tompakow (1983), são referência de franqueza, interesse, coragem e vigor psíquico. Essas ações são desempenhadas por “olhos nos olhos”, que querem dizer que há interesse na ação; o “torax firme”, onde o *EU* se expõe de forma segura. (DALLEGRAVE, 2008, p.7)

Analisando todas essas transformações envolvendo o papel dos âncoras nos telejornais e observando toda a notoriedade que a função ganhou nos últimos anos, Silva (2009) concluiu que “muito se evoluiu no telejornalismo brasileiro. Seu formato, linguagem, reportagens e, claro, seus apresentadores e âncoras que, de simples narradores (locutores) de imagens passaram a verdadeiras estrelas da televisão brasileira” (SILVA, 2009, p.14). Independente do *status* de “estrela”, o âncora é uma das engrenagens importantes na “maquina” que é o telejornalismo.

3 OPINIÃO

Segundo o mini dicionário da língua portuguesa Aurélio, “opinião” significa “modo de ver, pensar, deliberas”; “parecer, conceito”; “juízo, reputação” ou ainda “ideia, teimosia, capricho”. Levando em conta esses significados a pergunta é: onde a opinião se encaixa no jornalismo?

“(…) o jornalismo também deve apresentar pontos de vista e conceitos capazes de aprimorar a cultura da sociedade, incitando o questionamento entre os cidadãos”. (ANTUNES, 2009, p. 08) É dentro desta perspectiva que o jornalismo opinativo se apresenta. Levando-se em conta o telejornalismo brasileiro o modelo opinativo se separa do informativo, ganhando características próprias.

O jornalismo brasileiro, influenciado por outros modelos de jornalismo, divide a produção jornalística em dois grandes blocos. Levando em consideração o conteúdo da informação pode-se classificá-lo em informativo ou opinativo: “se a informação é rica em conteúdo objetivo, é classificado como informativo, e se é rico em opiniões, classificado como opinativo.” (TEMER, 2009, p.106) (Sousa, 2012, p.03)

Sendo um modelo tão particular e ainda tão controverso, cabe, antes de nossa análise dos telejornais (SBT Brasil e Jornal da Globo), observarmos de perto o que é opinião no contexto noticioso, como esta pode se adequar a diversos modelos no jornalismo e quais as questões éticas que envolvem o jornalismo opinativo.

3.1. O QUE É?

Apresentaremos aqui o que é opinião a partir de conteúdos jornalísticos e partiremos do conceito de SOUSA (2012), no artigo *A opinião no telejornalismo brasileiro matutino*; onde considera, com base nos conceitos de Marques de Melo, o gênero opinativo como tendo uma função dupla: informar e “atribuir valor”:

O gênero opinativo consiste, não apenas em informar, mas sim deixar transparecer ao público a opinião do veículo transmissor ou do profissional, isto é, “atribuir valores aos acontecimentos” (MELO, 2003, p.101), e assim possibilita ao leitor ou telespectador uma reflexão mais profunda do assunto. (SOUSA, 2012, p.03)

Este conceito se baseia na premissa, também ratificada por MELO (2003), de que o jornalismo se divide em dois grandes blocos: produto “informativo” e produto “opinativo”. Em conformidade com este conceito e levando em conta o papel social do jornalismo, ANTUNES (2009), conceitua opinião como algo subjetivo:

Podemos entender a opinião como um estado pessoal ou coletivo que vai contra ou a favor de uma idéia. Sendo que esta idéia não possui argumentos sustentados pela lógica formal que levem a existência de uma verdade possivelmente única, possibilitando a tomada de múltiplos posicionamentos. Assim, a opinião “depende, com efeito, de um cálculo de probabilidade, que leva o sujeito a tomar uma atitude intelectual de aceitação ou não da verossimilhança.” (CHARAUDEAU, 2006:121) e esta pode ser entendida como uma atitude subjetiva (ANTUNES, 2009, p.13)

Assim, “O jornalismo opinativo é caracterizado pela clara tomada de posição, seja ela do jornalista, do editor, do colaborador ou mesmo do leitor de uma determinada mídia”. (ANTUNES, 2009, p. 12). Porém, nem todos acreditam no conceito onde opinião e informação se dissociam. Para CHAPARRO (2009) “Trata-se de um falso paradigma, uma fraude teórica, porque o jornalismo não se divide, mas se constrói com informações e opiniões” (CHAPARRO, 2009, p.05) e ele explica o porquê de sua visão:

A apuração e a depuração, indispensáveis ao bom relato, são intervenções valorativas, intencionadas por pressupostos, juízos, interesses e pontos de vista estabelecidos. Como noticiar ou deixar de noticiar algum fato sem o componente opinativo? Por outro lado, o comentário - explicativo ou crítico - será ineficaz se não partir de fatos e dados confiáveis, rigorosamente apurados. (CHAPARRO, 2009, p.06)

Assim CHAPARRO (2009) propõe que a opinião não seja vista como um produto isolado, e sim como parte do processo de se fazer jornalismo, de se conceber a notícia. “(...) as propriedades informativas e opinativas das mensagens são como que substâncias na natureza do jornalismo, no sentido em que se constituem suportes que permanecem na totalidade da ação jornalística, quer se relate ou se comente a atualidade” (CAPARRO, 2009, p.06)

Mesmo esse pensamento sendo compartilhado por outros jornalistas e autores, hoje o que predomina nos produtos jornalísticos é o ideal de “imparcialidade” e “isenção”; porém, nem sempre foi assim. No início da história do jornalismo os textos opinativos eram a maioria do conteúdo dos jornais.

“A presença opinativa era constante no período em que a imprensa mundial se desenvolveu. No entanto, esta manifestação opinativa não satisfazia os detentores do poder, que logo conseguiram criar mecanismos para controlar a opinião nos jornais.” (ANTUNES, 2009, p. 13). E esses mecanismos foram principalmente políticos e financeiros.

No Brasil não foi diferente, o país também viveu sua “fase de ouro” no que diz respeito ao jornalismo opinativo. Porém, quando o jornal passou a ser encarado como um produto, suas características mudaram:

A fase predominantemente opinativa da imprensa brasileira durou, segundo Beltrão (1980), desde o período regencial até a década de XIX. Neste período ocorre a Revolução Industrial e o jornal passou a ser visto como um produto empresarial, adotando os padrões norte-americanos de agilidade, eficácia e objetividade. E estes padrões não condizem com a expressão opinativa, já que esta requer mais tempo e preparo do jornalista para a elaboração da matéria. (ANTUNES, 2009, p.13)

Ainda sim a opinião não perdeu completamente seu lugar no jornalismo, antes ganhou gêneros definidos e a escolha do tema a ser opinado passou a ser feita de maneira mais criteriosa – nem tudo é passível de opinião no jornalismo:

No entanto, nem todo assunto é digno de expressão opinativa dentro da imprensa, como afirma Beltrão (1980). Para este autor, um fato só se torna opinável quando a sociedade o considera passível de discussão, ou seja, ele não é um tabu e é capaz de oferecer às pessoas diversas abordagens que merecem passar por argumentações e discussões diante do público. (ANTUNES, 2009, p. 12-13)

Através de uma pesquisa feita com os próprios jornalistas brasileiros CARDOSO (1995) mostra que, segundo os profissionais de mídia, o gênero opinativo serve não só para falar o que o público quer saber, mas também para introduzir novos assuntos, gerar outros interesses na população:

(...) poucos jornalistas brasileiros consideram importante concentrar-se nas notícias de interesse do maior número possível de leitores. Por outros termos, para eles, a imprensa tem papel central na formação da agenda pública, oferecendo não o que o público quer ler, mas o que os jornalistas consideram importante que o público leia, isto tudo não apenas de modo informativo, mas interpretativo e aprofundado. (CARDOSO, 1995, p.134)

Porém, antes de observarmos quais assuntos cabem em discursos opinativos no jornalismo, é importante entender quais as questões éticas por trás deste mecanismo. Uma vez que a opinião veiculada através de um produto noticioso, tem como objetivo levar as pessoas à reflexão, o papel do jornalista é posto a prova neste momento e isto exige uma observação, assim esmiuçaremos as questões éticas no jornalismo opinativo.

3.2. QUESTÕES ÉTICAS

A ética, segundo FIDALGO (2006) é algo que permeia não só a ética profissional, mas a vida cotidiana em sociedade:

A questão de um comportamento ético – para si próprio e para os outros – coloca-se relativamente ao jornalismo mas, antes disso, coloca-se em relação a todas as pessoas e, genericamente, a toda atividade humana. A resposta às perguntas “**o que devo** fazer?” ou “**como devo** viver?” mobiliza, desde há séculos, a reflexão de filósofos, preocupados com a natureza da pessoa humana e o seu ser e estar no mundo, ao lado de outros seres humanos (e de outros não humanos, mas também vivos). (FIDALGO, 2006, p. 295)

No que diz respeito à prática jornalística, entender a origem da palavra “ética” nos ajuda a compreender os dilemas da profissão:

“ética” ora se associa ao termo *êthos* (escrito com a vogal “e” breve – um *épsilon*), que significa “hábito” ou “costume”, ora se associa ao termo *éthos* (escrito com a vogal “e” longa – um *eta*) que significa “caráter”. Em termos simples, dir-se-ia que a primeira acepção aponta para algo que a pessoa “faz” ou “deve fazer”, e a segunda para algo que a pessoa “é ou deve ser”. (FIDALGO, 2006, p.296)

Neste caso específico, sobre o jornalismo opinativo e suas questões éticas, partiremos do termo *êthos*, que trata dos “hábitos” e dos “costumes”. Segundo esta ótica a ética jornalística prega que o profissional deve estar sempre em “busca da verdade” como um “valor ético transcendental.” Assim, no “costume” jornalístico “Não é considerada correta nenhuma ação jornalística que suprima a verdade”. (KUCINSKI, 2000, p.02)

É neste ponto que a opinião bate de frente com o modelo de “objetividade” imposto pela grande maioria dos veículos informativos brasileiros, uma vez que este exige “imparcialidade” e opinar consiste justamente em “tomar um lado”, ou seja, ser “parcial”. Neste sentido o conceito de “verdade” é desconstruído.

Dessa forma, não se considera uma verdade como absoluta, mas como aceitável. O conceito de verdade recebeu vários enfoques através dos séculos. Assim, se os filósofos gregos a concebiam como verdade única e indivisível; os pensadores renascentistas contestaram essa ideia e Hegel a enfocou como resultado da relação entre o objeto e quem o captasse e descrevesse. Para Marx, é determinada pelo contexto histórico e pelo lugar de quem a profere. Em jornalismo, a verdade relacionasse a isenção e neutralidade (...) (MARTINS, 2009, p.02)

Ainda sim os jornalistas não abrem mão da modalidade opinativa, uma vez que esta exerce um grande poder sobre a sociedade no sentido em que promove a discussão e leva a maior reflexão dos temas abordados:

(...) os jornalistas têm a mídia em alta conta enquanto mecanismo não apenas de veiculação de informações (70% acham que a imprensa deve ser ágil na veiculação de informações), mas principalmente de formação de opinião, além de demonstrar elevado senso crítico em relação ao mundo empresarial e governamental. A mídia formadora de opinião aparece nitidamente na alta valorização do objetivo de se oferecerem análises e interpretações sobre temas complexos e desenvolver o interesse intelectual dos leitores, valores pouco presentes entre os jornalistas americanos, por exemplo, que valorizam bem mais a agilidade e a veiculação de informações que possam ser provadas.(CARDOSO, 1995, p. 133-134)

Estão, mesmo com o paradigma da objetividade, a opinião faz parte do “cotidiano” do jornalismo. Assim sendo, está inserida na ética jornalística como uma prática não só aceitável, como desejável. Isso é comprovado na descrição de BARROS (2012), no artigo *Jornal da Cultura: uma análise do modelo de telejornalismo opinativo e como a discussão deve ser inserida em um programa noticioso*, onde o telejornal *Jornal da Cultura* é analisado. Em sua análise criteriosa deste produto telejornalístico, percebe-se que este noticiário dá valor a presença da opinião em seu conteúdo:

Com a intenção de tornar os assuntos factuais mais claros possíveis, as discussões ajudam o telespectador a formar suas próprias opiniões, além de lhe dá a chance de conhecer diferentes pontos de vista. A apresentadora não faz apenas o papel de leitora de notícias, ela também reflete e amplia a discussão junto ao público com a ajuda dos comentaristas. Essa dinâmica expande o pensamento do leitor sobre os temas apresentados. (BARROS, 2012, p.09)

Aliando os assuntos factuais a opiniões de jornalistas e comentaristas o *Jornal da Cultura* (e outros produtos jornalísticos que fazem o mesmo) entram em conformidade com outra questão ética levantada por KUCINSKI (2000), que da conta do papel cidadão e social que se espera que o jornalismo exerça:

(...)cada vez mais ao jornalismo que cabem as tarefas de informar, combater o segredo de Estado, levantar polêmicas, denunciar abusos do poder, corrupção e violação dos direitos humanos. É como se tivesse um mandado da população para as funções de vigilância da cidadania e da justiça que o cidadão comum não consegue exercer mais diretamente. (KUCINSKI, 2000, p.2)

Sendo assim, a opinião é o conteúdo capaz de suscitar a crítica e a reflexão enquanto a informação da conta apenas dos fatos: “Assim, entende-se como gênero informativo todas as produções que objetivam apenas informar o leitor ou telespectador de um determinado fato, sem a preocupação com um olhar mais crítico”. (SOUSA, 2012, p.03).

A importância dessa modalidade jornalística (jornalismo opinativo) e de manuseá-la de maneira ética fica ainda mais evidente quando observamos os dados fornecidos por COUTINHO (2013), no artigo *O espaço opinativo no Telejornalismo brasileiro: um estudo de caso sobre o SBT Brasil*:

A pesquisa Hábitos de Informação e Formação de Opinião da População Brasileira citada no início deste artigo mostrou que a televisão aberta é a mídia considerada mais confiável e mais importante para buscar informações (69,4%). Os telejornais mantêm liderança, agora como meio mais importante para a formação de opinião sobre o Governo Federal (66,3%). O estudo mostra ainda que "mesmo percebendo as notícias veiculadas pela mídia como sendo parciais e tendenciosas, e atribuindo pouca credibilidade aos meios de comunicação, a maioria dos entrevistados (82,9%) utiliza no cotidiano as informações obtidas junto aos meios de comunicação e 62,9% admitiram que, algumas vezes, mudam seus pontos de vista a partir de informações transmitidas pelos meios de comunicação." Mas 85,2% dos entrevistados não cita diretamente nenhum veículo de comunicação, comunicador de rádio ou TV ou colunista que já ajudou ou ajuda a decidir sua opinião ou mudar de ideia sobre algum assunto. (COUTINHO, 2013, p. 12-13)

Levando-se em conta o alcance e a importância que o jornalismo opinativo tem junto a sociedade, levando até mesmo alguns a mudarem seus pensamentos iniciais de acordo com o que é veiculado, outra questão ética se faz presente: a isenção. "A imprensa imaginada pelos jornalistas aqui retratados é, em grande medida, isenta, no triplo sentido de ser capaz de atuar de forma não tendenciosa, de ser independente dos poderes públicos e de contribuir para a melhoria dos processos decisórios e representativos" (CARDOSO, 1995, p.134)

Ou seja, de acordo com CARDOSO (1995), para que o jornalismo opinativo cumpra seu papel reflexivo dentro da ética é necessário que o profissional e o veículo em questão estejam livres em sentido político, financeiro ideológico; a fim de ser capaz de atuar de forma "não tendenciosa".

Neste contexto, a principal questão envolvida é: até que ponto consegue-se separar informação de opinião? Se baseando no autor Roberto Dines, BARROS (2012) sustenta que a melhor maneira de se trabalhar as potencialidades do jornalismo sem conflitos éticos é separando de forma clara o que opinião e o que é informação:

Para Alberto Dines, o papel do jornalista é buscar a isenção para poder transmitir a informação de uma forma que “o telespectador possa tirar suas próprias conclusões do fato relatado.” O fazer jornalístico, portanto, deve buscar um padrão de objetividade. Porém, o jornalismo também não deve esquecer a importância da opinião, ressaltando a relevância dessas crenças se apresentarem inseridas no espaço correto. (BARROS, 2012, p. 11)

Se BARROS (2012) defende que há “um espaço correto” para a opinião no conteúdo jornalístico, CHAPARRO (2009) afirma categoricamente que “Não existem, pois, espaços exclusivos ou excludentes para a opinião e a informação (...)” (CHAPARRO, 2009, p.06). O autor defende seu ponto de vista, afirmando que a prática jornalista em si, com todas suas questões éticas, implica em “atribuir valor” seja com o objetivo de apenas informar ou opinar:

A função qualitativa de maior relevância no jornalismo é a de atribuir valor às coisas. Sem intervenção valorativa não há ação jornalística, e isso aprende-se também com Martinez ALBERTOS (1992, 288), quando define Notícia: “É um fato verdadeiro, inédito ou atual, de interesse geral, que se comunica a um público que pode ser considerado massivo, desde que haja sido colhido, interpretado e *valorado* (grifo nosso) pelos sujeitos promotores que controlam o meio utilizado para a difusão” - que vêm a ser os jornalistas. Ele chega a escrever que “a função valorativa é absolutamente própria e específica, em todos os níveis, do exercício do jornalismo: no plano do recolhimento das notícias (...), no plano da análise e organização das notícias (...) e no plano do ajuizamento e comentário dessas mesmas notícias”.(CHAPARRO, 2009, p.08)

Quem concorda com CHAPARRO (2009) é VIZEU (2008), que considera que a escolha da notícia já implica em uma tomada de decisão subjetiva e não objetiva. “Segundo White (1993), o processo de seleção é subjetivo e arbitrário, com as decisões dependendo muito de juízos de valor baseados no conjunto de experiências, atitudes e expectativas do *gatekeeper*” (VIZEU, 2008, p.79) - O termo *gatekeeper*, refere-se à pessoa que toma a decisão.

Em concordância com VIZEU (2008), retomamos o conceito de CARDOSO (1995) de que o jornalismo opinativo se debruça não apenas no que o público *quer* saber, mas antes no que o público *deveria querer* saber. Neste contexto, onde os jornalistas “levam a sério o papel da imprensa como "quarto poder" ou como "cão de guarda da democracia"” (CARDOSO, 1995, p. 133), a tomada de decisão do que é notícia, está relacionada com vários fatores subjetivos:

Enquanto aqueles que põem em movimento a máquina de mídia, são os jornalistas que selecionam e dão forma às informações que chegarão ao público. Esta seleção é altamente condicionada por diversos fatores, dentre os quais podem ser destacados: a posição de mercado da empresa; a oferta de notícias pelas agências; aspectos organizacionais do meio noticioso, como estruturas hierárquicas, grau de autonomia relativa de cada um, orientações editoriais; a qualidade das fontes; a qualificação profissional de cada jornalista e sua "bagagem social"; os valores que se levam para as redações e aqueles que se aprendem ali. (CARDOSO, 1995, p. 131)

Se a “bagagem social” do profissional é algo pessoal que influencia na escolha da notícia, outro fator importante levantado por CARDOSO (1995) é a “orientação editorial”. VENANCIO (2009), em seu livro *Jornalismo e linha editorial: construção das notícias na imprensa partidária e comercial*, levanta a hipóteses a cerca da natureza da linha editorial e suas conseqüências diretas no produto jornalístico.

Primeiro ele admite que a linha editorial é um “valor-notícia”, ou seja, se um assunto está dentro da linha determinada por determinado veículo ele está propenso a virar notícia:

as notícias são a realidade recortada pelos jornais com os seus desejos e visões de sociedade futura, ou seja, os anseios populares são interpretados de acordo com a linha editorial e transmutados em notícia; e a linha editorial não é o valor-notícia dos fatos a serem abordados (ou seja, um valor notícia de seleção, mas sim um valor-notícia da forma de se realizar a pauta (ou seja, valor notícia de construção) (VENANCIO, 2009, p.7-8)

Neste sentido VENANCIO (2009) entra em conformidade com os pensamentos de CHAPARRO (2009) e VIZEU (2008), quando supõe que uma questão prévia, neste caso a linha editorial, influenciam diretamente na construção da narrativa jornalística. Assim, este é mais um elemento que se faz presente nos questionamentos éticos do jornalismo opinativo, já que se coloca como um contraponto da isenção e dá margem a tendenciosidade.

Porém, mesmo com essas considerações, se supormos que a opinião pode de alguma forma ser “isolada” da notícia, podemos recorrer novamente a BARROS (2012). Este sustenta, com base em seu estudo específico do telejornal Jornal da Cultura, que este “lugar específico” para a opinião no conteúdo jornalístico é algo desejável.

Mais do que isso, BARROS (2012) afirma que este “lugar específico” é até mesmo esperado pelos telespectadores: “Assim sendo, a exposição da opinião também é uma forma de demonstrar preocupação com o público, mas ela deve ser apresentada no local em que o telespectador a espera. É preciso que a opinião veiculada pelos comentaristas seja inserida ao final das reportagens sem comprometer a reflexão do telespectador”. (BARROS, 2012, p.11).

No caso do Jornal da Cultura, analisado por BARROS (2012), a opinião é veiculada através de comentários de especialistas e jornalistas, sempre após a matéria. Porém, há outras modalidades disponíveis para inserção de opinião no jornalismo. E, antes de analisarmos os telejornais SBT Brasil e Jornal da Globo, precisamos conhecê-las melhor.

3.3. MODALIDADES OPINATIVAS

Se BARROS (2012) afirma que a modalidade opinativa, dentro do telejornalismo, precisa ter características bem definidas, afim de não “comprometer a reflexão do telespectador”, ANTUNES (2009) concorda com ele, quando afirma que os gêneros ou as modalidades do gênero opinativo, são como uma espécie de “guia”, tanto para o jornalista quanto para o público. “Devido a sua função de guia, os estudos dos gêneros ganham importância dentro das pesquisas midiáticas, já que servem tanto para orientar os jornalistas quanto os leitores” (ANTUNES, 2009, p.11)

Neste caso ANTUNES (2009) se refere a “leitores”, mas este princípio se aplica também ao telejornalismo. E para classificar as modalidades opinativas do jornalismo, aplicáveis ao telejornalismo, também vamos partir de ANTUNES (2009). Em seu artigo, *A retórica no jornalismo opinativo: Uma análise da argumentação de Hélio Schwartsman*, a autora usa dois pesquisadores e contrapõe suas categorizações. Esses são: Luiz Beltrão e José Marques de Melo.

Segundo BELTRÃO (1980) as modalidades do jornalismo opinativo são: editorial, artigo, crônica, opinião ilustrada e opinião do leitor. ANTUNES (2009) explica que o autor chegou a essas cinco categorias guiando-se “pelo senso comum que rege a profissão do jornalista” (ANTUNES, 2009, p. 15). Porém, MELO (2003) elenca oito categorias possíveis no jornalismo opinativo, estas são: editorial, comentário, resenha/crítica, artigo, crônica, coluna, caricatura e carta.

As categorias “editorial” e “crônica” aparecem na lista dos dois autores. A descrição dessas categorias também é parecida. ANTUNES (2009) explica que os dois autores partiram das mesmas características para descrever o editorial:

O gênero editorial recebe características semelhantes nas duas obras verificadas e é observado como a matéria, normalmente não assinada, que expressa a opinião oficial da empresa jornalística sobre certo assunto. Isto não significa que a opinião do proprietário do jornal será colocada no editorial, mas sim o que pensa o consenso responsável pela organização da mídia em questão. (ANTUNES, 2009, p.15)

Se o editorial transmite as opiniões “do conselho responsável pela organização da mídia em questão”, ou seja, os pensamentos daquele grupo enquanto empresa e não do jornalista e a escreve, até por isso ele não o assina; a crônica tem uma característica totalmente contrária. Esta da oportunidade de o profissional se expressar de forma diferenciada:

Já a crônica é vista como o mais literário dos gêneros jornalísticos. Seu surgimento encontra-se ligado as publicações periódicas de poetas e ficcionistas que viam na imprensa uma forma de se manter financeiramente e de divulgar suas obras. Assim, a crônica é vista como um relato da atualidade feito de forma mais sensível, situando-se em uma fronteira entre o jornalismo e a literatura. (ANTUNES, 2009, p. 15-16)

Outro termo que coincide nos dois autores é o “artigo”. Em linhas gerais MELO (2003) e BELTRÃO (1980) entendem este item da mesma maneira, assim as características principais deste gênero são a atualidade e a opinião. “Como um gênero específico, uma forma de expressão verbal. Trata-se de uma matéria jornalística onde alguém (jornalista ou não) desenvolve uma ideia e apresenta sua opinião.” (MELO, 2003, p.121).

Porém termos com nomenclaturas diferentes correspondem a uma mesma categoria, ou pelo menos bem semelhantes. Uma delas é a “caricatura” de MELO (2003), comparada a “opinião ilustrada” de BELTRÃO (1980). Essas têm características muito próximas e exercem papéis semelhantes no jornalismo opinativo. “temos a caricatura e a opinião ilustrada, que é a crítica feita através de desenhos ou fotografias, estas últimas no caso específico da opinião ilustrada, podendo ou não figurar ao lado de textos”. (ANTUNES, 2009, p.16).

Para entender melhor esta modalidade opinativa, recorreremos a VASCONCELOS (2012) no artigo *Caricatura no Jornalismo: O Gênero Opinativo em Prática*, a caricatura é definida como algo que vai além de imagens e desenhos cômicos.

A produção de uma caricatura não se limita às características físicas do personagem, mas também está relacionada a aspectos referentes à personalidade e ao cotidiano de quem se pretende representar por meio dela. Os aspectos gráficos da produção são ferramentas importantes para a identificação do que está sendo trabalhado, incluindo o desenho, cores e cenários. (VASCONCELOS, 2012, p.02)

Há outro termo convergente entre os dois autores que estamos comparando. Enquanto MELO (2003) opta por denominar uma de suas categorias como “carta”, BELTRÃO (1980) prefere chamar de “opinião do leitor”. ANTUNES (2009) explica a diferença entre uma nomenclatura e outra:

A diferença entre ambos encontra-se no fato de que Beltrão (1980) também considera como espaço do leitor as modalidades de entrevista, enquete e depoimento. Enquanto Melo (2003) vê estas situações como captadoras de informação e não como meios para difusão de opinião. (ANTUNES, 2009, p.16)

Agora temos as categorias que estão presentes apenas na obra de Marques de Melo, que são: coluna, comentário e resenha/crítica. “A coluna representa o espaço destinado a uma miscelânea de informações, sendo comum a presença de notícias recentes que ainda não passaram por uma checagem mais aprofundada”. (ANTUNES, 2009, p.16).

Esta reflexão é feita a partir da definição estabelecida por MELO (2003): “Trata-se, portanto, de um mosaico, estruturado por unidades curtíssimas de informação e de opinião, caracterizando-se pela agilidade e pela abrangência. Na verdade, a coluna cumpre hoje uma função que foi peculiar ao jornalismo impresso antes do aparecimento do rádio e da televisão: o furo.” (MELO, 2003, p.140).

Outra categoria definida por MELO (2003), o comentário, segundo SOUSA (2012), se relaciona de forma diferenciada com o telejornalismo: “O comentário, está diretamente ligada aos telejornais, já que grande parte dos veículos relaciona conteúdo opinativo na televisão com comentário, isto é, opinião na televisão se resume a comentário”. (SOUSA, 2012, p.04). Marques de Melo define o comentário, da seguinte maneira:

[...] o comentário tem sua própria especificidade enquanto narrativa do cotidiano. Trata-se de um gênero que mantém vinculação estreita com a atualidade, sendo produzido em cima dos fatos que estão ocorrendo. [...] o comentário explica as notícias, seu alcance, suas circunstâncias, suas consequências. Nem sempre o comentarista emite uma opinião explícita. Seu julgamento é percebido pelo raciocínio que utiliza, e os rumores da argumentação (MELO, 2003, p.115).

Já a resenha ou crítica “consiste em um texto em que se realiza uma análise de um determinado assunto, isto é, elenca-se os pontos positivos e negativos do objeto analisado a fim de convencer o leitor ou o telespectador”. (SOUSA, 2012, p.04).

Com as modalidades opinativas do jornalismo devidamente elencadas, podemos agora partir para a análise a qual nos propomos: observar os telejornais SBT Brasil e Jornal da Globo, percebendo como esses fazem uso dessas categorias, ou seja, como o jornalismo opinativo é aplicado nestes produtos midiáticos.

4 ESTUDO DE CASO – ANÁLISE DOS TELEJORNAIS

Tendo em vista as especificidades do telejornalismo, como a linguagem, a importância da figura do âncora, a ideia de imparcialidade e todas outras características que observamos, em especial no capítulo 2, vamos agora partir para a análise dos telejornais propostos: Jornal da Globo e SBT Brasil.

Foram escolhidos esses dois telejornais por, num primeiro momento, se destacarem por uma forma diferenciada de produto jornalístico na TV aberta. Uma análise mais detalhada mostrará o quanto o uso da opinião contribui para a construção do produto final, que é exibido.

Foram analisadas quatro edições, duas de cada jornal: Jornal da Globo 15-01-2014 e Jornal da Globo 17-01-2014; SBT Brasil 15-01-2014 e SBT Brasil 17-01-2014.

A partir dessas edições vamos verificar o uso dos recursos opinativos elencados no capítulo 3: editorial, comentário, resenha/crítica, artigo, crônica, coluna, caricatura e carta – sendo estas definidas para o jornalismo impresso, serão adaptadas para a realidade telejornalística.

4.1 JORNAL DA GLOBO

Antes de partirmos para a análise dos jornais, é importante observar como eles se configuram, quais suas características e como as próprias emissoras os definem. No caso do Jornal da Globo, o produto telejornalístico se caracteriza como um telejornal noturno, exibido no fim de noite, mas sem horário fixo de transmissão.

Transmitido pela TV Globo, foi ao ar pela primeira vez no dia 30 de março de 1969.² O telejornal tem hoje, como âncoras os jornalistas William Waack e Christiane Pelajo. O noticiário também conta com um quadro fixo de comentaristas: André Trigueiro,

² Informações encontradas no site <http://g1.globo.com/jornal-da-globo>

Arnaldo Jabor, Carlos Alberto Sardenberg, Heraldo Pereira, Luis Roberto, Nelson Motta,
Mara Luquet e Renato Machado.

Sobre as características do telejornal, podemos encontrar no site do mesmo a seção denominada “princípios” editoriais. Estas, segundo o próprio endereço eletrônico, norteiam todos os produtos jornalísticos da Rede Globo.

Na parte “Breve definição de Jornalismo”, pode-se ler:

De todas as definições possíveis de jornalismo, a que as Organizações Globo adotam é esta: jornalismo é o conjunto de atividades que, seguindo certas regras e princípios, produz um primeiro conhecimento sobre fatos e pessoas. (...) O jornalismo é aquela atividade que permite um primeiro conhecimento de todos esses fenômenos, os complexos e os simples, com um grau aceitável de fidedignidade e correção, levando-se em conta o momento e as circunstâncias em que ocorrem. É, portanto, uma forma de apreensão da realidade. (<http://g1.globo.com/principios-editoriais-das-organizacoes-globo.html>)

Definindo o jornalismo como “uma forma de apreensão da sociedade”, o documento mostra que a companhia se pauta na ideia de objetividade e imparcialidade. Em outro trecho o texto afirma que a busca pela verdade, algo tal questionado no jornalismo, é algo real e possível.

Antes, costumava-se dizer que o jornalismo era a busca pela verdade dos fatos. Com a popularização confusa de uma discussão que remonta ao surgimento da filosofia (existe uma verdade e, se existe, é possível alcançá-la?), essa definição clássica passou a ser vítima de toda sorte de mal-entendidos. A simplificação chegou a tal ponto que, hoje, não é raro ouvir que, não existindo nem verdade nem objetividade, o jornalismo como busca da verdade não passa de uma utopia. É um entendimento equivocado. Não se trata aqui de enveredar por uma discussão sem fim, mas a tradição filosófica mais densa dirá que a verdade pode ser inesgotável, inalcançável em sua plenitude, mas existe; e que, se a objetividade total certamente não é possível, há técnicas que permitem ao homem, na busca pelo conhecimento, minimizar a graus aceitáveis o subjetivismo. (<http://g1.globo.com/principios-editoriais-das-organizacoes-globo.html>)

Sendo assim, entendemos que o Jornal da Globo, partilhando destes princípios editoriais, também prima por passar ao público “um primeiro conhecimento sobre fatos e pessoas” de forma a “minimizar a graus aceitáveis o subjetivismo” e assim, transmitir ao público o que seria o mais próximo da verdade. Confrontaremos essas afirmações com a análise das edições escolhidas.

4.2 SBT BRASIL

O SBT Brasil é um telejornal noturno, do início da noite. Veiculado pelo canal de TV SBT, tem início, de segunda a sexta, as e 19h15min.³A primeira edição da história deste telejornal foi ao ar no dia 15 de agosto de 2005. Hoje o SBT Brasil conta com os jornalistas Joseval Peixoto e ⁴Rachel Sheherazade como ancoras.

Sobre as características que definem o telejornal, o endereço eletrônico destinado ao produto afirma que “liberdade editorial e credibilidade, fatores para o exercício de um jornalismo claro e transparente, são os alicerces que formam o compromisso do SBT com a notícia e a análise profunda dos fatos”.

Porém, diferente da política editorial da Rede Globo, o site do SBT Brasil admite a análise dos fatos (aí se encontra o espaço para a parcialidade), feita por seus ancoras e coloca essas como o diferencial do produto apresentado aos telespectadores:

Um jornal mais comentado, apoiado no perfil dos apresentadores, que são conhecidos por suas excelentes análises. O novo SBT Brasil é mais dinâmico, sem um formato fechado, sempre com opiniões sobre as principais notícias do Brasil e do mundo. As principais matérias apresentadas no dia são acompanhadas de informações complementares para o telespectador. O telejornal

³ Informações encontradas no site <http://www.sbt.com.br/jornalismo/sbtbrasil/>

⁴ Nas edições analisadas Rachel Sheherazade não está na ancoragem do jornal devido suas férias

procura sempre dar uma abordagem comportamental e de serviço, mostrando como aquilo afeta o cidadão. (<http://www.sbt.com.br/jornalismo/sbtbrasil/>)

Além dos ancoras, no site não há informação de outros comentaristas fixos no telejornal.

4.3 ANÁLISE JORNAL DA GLOBO 17 DE JANEIRO DE 2014⁵

Jornal da Globo – 17 de Janeiro de 2014	
Nº de vezes que apareceu na edição	Categorias opinativas
0	Editorial
0	resenha/crítica
0	Artigo
0	Crônica
0	Coluna
1	Caricatura (Charge)
0	Carta (Opinião do telespectador)
1	Comentário
2	Total

Tabela 1

⁵ Edição disponível no endereço eletrônico <http://g1.globo.com/jornal-da-globo/videos/>

A categoria “caricatura”, que transferida para a TV é chamada de charge, é explorada pelo jornal através da produção do chargista Chico Caruso. A caricatura apresentada no dia 17 de janeiro trata, de uma só vez, de questões políticas de cunho nacional e internacional.

O assunto tratado foi: Papa Francisco da ‘Xeque-mate’ em Dilma. Numa referência ao fato de o papa ter mudado a equipe que cuida das finanças da Igreja e as organizações e reorganizações que Dilma faz nos ministérios da presidência.

Como estão em uma área claramente opinativa e com tradição de crítica aliada ao bom humor, as charges têm a liberdade de criar fatos irreais, como a presidente Dilma Russeff jogando xadrez com o Papa Francisco. Porém, se pautam de assuntos políticos recentes e relevantes.

Na categoria “comentário” aparece o âncora Willian Wack que comenta o discurso de Obama sobre a espionagem a governos de outros países, realizada pelos Estados Unidos. Antes de chamar a matéria, o âncora comenta:

Num discurso de palavras bonitas, mas com poucas medidas práticas, o presidente americano Barack Obama disse que os serviços secretos americanos não vão mais espionar amigos e aliados, mas não mencionou quais seriam as garantias. Alan Severiano, boa noite pra você em Nova Iorque. Na prática, Alan, foi pouco o que o presidente Obama anunciou em relação ao maior grampeador de telefones e e-mails do mundo, que é a *National Cicureat_Agency*.

Apesar de William Waack não estar arrolado como comentarista do telejornal, se observarmos o que MELO (2013) define como comentário, que é: “o comentário explica as notícias, seu alcance, suas circunstâncias, suas consequências”, (MELO, 2013, p. 115) concluiremos que neste caso o âncora atua como comentarista.

Jornal da Globo 17 de janeiro de 2014	
Matérias e notas	Nº de opiniões verbais e não verbais
Musical abre as comemorações 70 anos de Chico Buarque	0
Definido classificados para 4ª de final da Copa São Paulo	1 dois “belos” gols
Obama diz que NSA não vai espionar nações aliadas	1 comentário Willian WaAck 1– Obama “constrangido” / Dilma discurso “inflamado”.
Aprovados na 1ª chamada do SiSu fazem matrícula	1 “descontração do trote facilita entrosamento”
Kassab é inocentado em caso de violação de licitações	0
Mais dois corpos são encontrados em Itaóca (SP)	1 Solange Freitas: “por alí a água <i>deve</i> ter passado com muita força”
Começa o maior festival de música do Sul do país	1 “Nesse momento a gente vê a <i>diva</i> , Ivete Sangalo”
Governo da Síria propõe cessar-fogo em Aleppo	1 “duramente disputada”
BGE constata com nova metodologia que o desemprego subiu no Brasil	1 “Uma das <i>principais vantagens</i> da nova pesquisa”
Campeonatos estaduais e Copa do Nordeste começam neste sábado (18)	1 conclusões sobre a importância dos estaduais 1 dedusões sobre as chances de

	Fred na Copa 1 “Estadual vale uma copa do Mundo”
Sesi e Osasco estão na final da Copa Brasil de Vôlei	lataques “potentes”, defesas “improváveis”. 1“Olho no Saque, o caminho para o título pode ser por ali.”
MEC vai relocalar estudantes de universidades descredenciadas em grupos	0
Petrobras anuncia plano de incentivo à demissão voluntária	1 Christiane Pelajo. rosto sério, tom de desaprovação.
Inscrições do Prouni encerradas sexta-feira (17)	0
Economia teve ritmo de expansão mais lento no fim de 2013	0
Total: 15 matérias/notas	14 inserções opinativas.

Tabela 2

Esta edição do Jornal da Globo é interessante porque demonstra como a opinião é explorada de maneira a não se separar da informação. Se recorrermos ao quadro que trata das categorias opinativas, ou seja, aquelas que se destinam a deixar as opiniões claramente explícitas, observaremos que apenas a Charge (caricatura) e o comentário são explorados nesta edição.

Porém, se observando o quadro que trata de cada matéria observaremos que entre 15 conteúdos jornalísticos, entre matérias e notas é possível perceber 14 inserções opinativas – entre adjetivos, expressões verbais e não verbais e deduções impostas pelos jornalistas.

A opinião dentro do conteúdo noticioso é usada com mais liberdade, nesta edição, nas matérias e notas de cunho esportivo. Na matéria sobre o início dos campeonatos estaduais e Copa do Nordeste, o repórter Guilherme Pereira mescla dados concretos, ou seja conteúdo informativo, como as datas de início das competições e conteúdo opinativo, como o fato de estes campeonatos estaduais poderem ser a chance de os jogadores se firmarem como nomes para a copa de 2014.

Guilherme Pereira termina sua matéria com a seguinte frase: “Pra eles o estadual vale a copa do mundo”. Esta frase é a conclusão final que o repórter apresenta, encaminhada durante toda a matéria. É uma conclusão que o próprio faz, a partir de observação, de dados objetivos e subjetivos. Não há nada de concreto na frase, ou seja, nada de realmente informativo.

Ainda na parte esportiva, na matéria sobre Sesi e Osasco estarem da Copa Brasil de Vôlei, o repórter André Gallindo também termina a matérias com um conteúdo que podemos entender como “não informativo”: “Olho no Saque, o caminho para o título pode ser por ali”. Não só neste momento, mas durante o percurso da matéria, o repórter faz uso de expressões subjetivas como na descrição das jogadas como “ataques *potentes*” e “defesas *improváveis*”. Na questão de uso de adjetivos e ainda na parte esportiva, na

nota coberta sobre a definição dos classificados para as quartas de final da Copa São Paulo, William Waack descreve um dos gols como “um *belo* gol”.

Porém, não é só no âmbito esportivo que o conteúdo opinativo mesclado ao informativo pode ser observado. Na matéria sobre a nova metodologia de pesquisa do IBGE, a repórter Beatriz Thielman começa explicando, através de números (dados informativos) as diferenças de abrangência de cada tipo de metodologia. No meio da matéria, através de passagem a repórter diz: “Uma das principais vantagens da PINADE contínua é que o planejamento dos investimentos públicos e privados e a contratações de serviços terão indicadores mais realistas, o que facilita um equilíbrio maior entre mercado de trabalho e aumento da produção”.

Nesta passagem Beatriz Thielman vai além dos fatos concretos. Ela não só demonstra a diferença das metodologias, mas conclui que a nova é mais vantajosa. A partir de dados concretos a repórter apresenta ao público uma “conclusão”, característica próxima ao que seria a categoria “comentário”.

Jornal da Globo 17 de janeiro de 2014	
Ancoras	Nº de vezes que transmitiram opinião: Forma verbal e não verbal
Willam Waack	1 narrando gols 1 Comentário sobre espionagem 1 nota síria propõe cessar fogo
Christiane Pelajo	1 Nota Petrobrás
total	4

Tabela 3

Na questão mais específica dos âncoras no que diz respeito a opinião, é importante olhar com atenção a linguagem não verbal. Nesta edição, em uma nota seca sobre o incentivo da Petrobrás a demissão voluntária essa linguagem pode ser percebida na jornalista e ancora do jornal, Christiane Pelajo. Na nota, a jornalista diz:

A Petrobrás anunciou hoje um plano de incentivo a demissão voluntária, de funcionários que tenham 55 anos ou mais. Com isso a empresa quer aumentar a produtividade e alcançar a meta dos planos de negócios que prevê cortes em diversos setores. A empresa também informou que a saída dos funcionários que aderirem ao plano deve levar até 3 anos, como forma de garantir que o conhecimento adquirido por eles seja repassado pra quem fica.

Christiane faz pausas e modula o tom de voz. Ela dá ênfase, por exemplo na idade dos funcionários: “55 anos ou mais”. Outra ênfase acontece também quando ela diz “cortes em *diversos* setores”. Fazendo com que, quem escuta de mais atenção para aquelas informações. Aliada a isso, a informação é passada com um tom sério e um semblante fechado.

4.4. ANÁLISE SBT BRASIL 17 DE JANEIRO DE 2014⁶

SBT Brasil – 17 de Janeiro de 2014	
Nº de vezes que apareceu na edição	Categorias opinativas
0	Editorial
0	resenha/crítica
0	Artigo
0	Crônica
0	Coluna
0	Caricatura (Charge)
0	Carta (Opinião do telespectador)
1	Comentário
1	Total

Tabela 4

Nesta edição, o âncora Joseval Peixoto atuou como comentarista. No fim do jornal, acompanhado de um BG característico, o jornalista tem espaço para deixar sua opinião. Assim que Joseval começa a falar, o telão atrás dele tem os dizerem “opinião Josebal Peixoto”. Desta vez ele comentou:

⁶ Edição disponível no endereço eletrônico
<http://www.sbt.com.br/jornalismo/noticias/38376/integra-SBT-Brasil-17-de-janeiro.html#.Uuhr0j1TvIU>

Mais um escândalo da política brasileira, agora envolvendo Gilberto Kassab. O ex-prefeito de São Paulo recebeu dinheiro da Controlar, dizem os jornais. Como é que surgiu essa acusação? Uma acusação dessas deveria surgir num processo regular em que o desonrado tivesse o direito da chamada ‘ampla defesa’, portanto, diante de um juiz e ao lado de seu advogado. Não é o caso. Uma testemunha acusa Kassab em depoimento prestado a um promotor, sem defesa do ex-prefeito. Não cabe aqui acreditar ou não na acusação, Kassab vai se defender, é outra coisa. A questão é a seguinte: e se for mentira, sabe o que acontece? Kassab processa, crime contra a honra. O crime contra a honra e julgado no Brasil no tribunal de pequenas causas; sabe qual a pena? Uma sexta básica. A honra de um brasileiro vale uma sexta básica, nada mais; e esse é o problema. Ainda que Kassab seja absolvido na justiça, na política já está condenado.

SBT Brasil 17 de janeiro de 2014	
Matérias e notas	Nº de opiniões verbais e não verbais
Menino de 3 anos fuma maconha	1 “vídeo revoltante” 1 “Os moradores costumam acreditar que alguém possa ter feito isso com uma criança” 1 afirmação de que a criança pode vir a ter outros problemas com drogas – através do psiquiatra Rui Sampaio
Raio atinge garagem de ônibus e mata cobrador em São Paulo	0
Homem mata namorada	0
Passageira Baleada em ônibus Repórter: Livia Raick	1 “foi uma sexta feira difícil para passageiros deste ônibus” 1 “Pra quem trabalha ou depende do transporte público resta o medo de que episódios como esses se repitam”.
Pastor espanta cachorro em elevador	1 “O homem que trás na camiseta uma frase dizendo que é um homem de fé, agride o

	cão”.
Bandido ataca casa lotérica com inchada	0
Turista gaúcho baleado no Paraguai	0
Policia apreende menores que roubaram casa de ministro do supremo	0
Ministério Público de São Paulo não sabe como lidar com “rolezinho”	0
Organizador de “rolezinho” em Brasília recebe ameaças.	1 “Franklin participou das manifestações que pararam o país explica que protesto da semana que vem tem ligação com o do ano passado”.
Kassab Acusado de receber propina	0
Revista revela que caso extra conjugal de presidente da França não é novo	0
Obama promete que não espionará aliados	0
Dona de casa atingida por porco espinho	1 “depois do acontecimento inusitado, a gozação dos amigos e inevitável”
Incêndios florestais na Austrália	0
Aumento da anuidade dos cartões de crédito	1 “Início do ano e com ele vem as contas e a dor no bolso. Além das dívidas habituais, as taxas de anuidade cobradas pelas operadoras de cartões de crédito, ajuda a piorar a situação do

	<p>brasileiro”.</p> <p>1 “O abuso na cobrança das anuidades acontece porque não exige uma base de valores determinada pelo Banco Central. Por isso, as instituições aumentam as taxas, muitas vezes de maneira exorbitante.”</p>
Colete para salvar galinhas no trânsito	0
Neymar torce o tornozelo e fica fora dos campos por 1 mês	<p>1 “Em ano de copa do mundo a contusão de Neymar deu um susto na torcida brasileira. Ninguém consegue imaginar a seleção sem o seu principal jogador”</p> <p>1 “Tomara mesmo que nosso craque volte logo, porque depois que Neymar saiu de campo, o argentino, companheiro de time, fez isso aí...”.</p>
Aplicativos de celular para cuidar da saúde	0
Aniversário Michele Obama	<p>1 “Enquanto o marido acumula visíveis cabelos brancos, Michele Obama esta cada dia mais fabulosa, como ela mesma se definiu numa entrevista.”</p> <p>1 Admirada justamente por ser uma mulher forte, uma advogada inteligente, uma mãe presente, um exemplo de estilo...”</p> <p>1 “A ‘cinqüentona’ está com tudo encima (...)”</p>
Novo índice de desemprego	1 Nota Joseval Peixoto

calculado pelo IBGE	
Show de J Quest no hotel Jequitimar	<p>1 “O J Quest vai fazer a temperatura subir no verão Jequitimar...”</p> <p>1 “O J Queste é uma das bandas mais queridas do pop rock nacional”</p> <p>1 “Aqui no hotel Jequitimar está tudo sendo preparado com muito carinho para que esta noite seja inesquecível para os fãs”.</p>
Movimento para liberar uso de bermudas em escritórios	1 “Quem pensa que todo advogado adora usar terno e gravata, se engana. Manter a elegância e a formalidade com esse calor, é causa perdida”.
Índice alto de poluição na China	0
21 mortos na Cidade de Itaoca (SP)	0
Total: 25	20

Tabela 5

Nesta edição do SBT Brasil pode-se perceber que, em alguns casos, as matérias vão além dos dados factuais da pauta e oferecem ao telespectador um possível desdobramento daquela situação ou fato noticiado.

Um exemplo é o caso da matéria sobre uma criança de três anos que é ensinada a fumar. Desde o início a matéria é tratada com certo grau de subjetividade. Quando Joseval chama a matéria, ele classifica o caso como “história absurda” e o repórter Márcio Barros classifica as imagens onde a criança aparece fumando de “vídeo revoltante”.

A matéria trás dados objetivos, como quem eram os envolvidos e o que a justiça determinou, porém, vai para o campo da subjetividade quando supões um possível desdobramento do caso. O repórter consulta um psiquiatra e diz, em off: “Este psiquiatra explica que, a partir de agora o trabalho da mãe será redobrado, pois a criança pode ter pré-disposição ao uso de drogas em outras fazes da vida”.

Uma das matérias com mais inserções opinativas é a que trata do show do J Quest no hotel Jequitimar. Para conferir um ar descontraído a matéria a repórter faz uso de expressões populares como “O J Quest vai fazer a *temperatura subir* no verão Jequitinar...”.

Também em um tom descontraído, a repórter Yula Rocha, para falar do aniversário de Michele Obama, faz uso de adjetivos para descrever a primeira dama dos Estados Unido: “Admirada justamente por ser uma mulher forte, uma advogada inteligente, uma mãe presente, um exemplo de estilo...”. A repórter ainda diz, com um leve sorriso no rosto que “A ‘cinquentona’ está com tudo encima”, em uma referência direta a primeira dama e seu aniversário de 50 anos.

Assim como no caso do Jornal da Globo, o SBT Brasil também se vale de afirmações subjetivas em matérias de cunho esportivo. Sobre a contusão de Neymar a ancora Cintia Benine chama a matéria e afirma que “lesão de Neymar deixou muitos torcedores brasileiros preocupados”.

Na matéria em si, o repórter Marcelo Carrião apresenta dados objetivos e depois faz uma passagem, com o seguinte texto: “Em ano de copa do mundo a contusão de Neymar deu um susto na torcida brasileira. Ninguém consegue imaginar a seleção sem o seu principal jogador”. E ao final da matéria, vem um off: “Tomara mesmo que nosso craque volte logo, porque depois que Neymar saiu de campo, o argentino, companheiro de time, fez isso aí...”, na sequencia aparece uma jogada do jogador argentino Messi.

SBT Brasil 17 de janeiro de 2014	
Ancoras	Nº de vezes que transmitiram opinião: Forma verbal e não verbal
Joseval Peixoto	<p>1 “história absurda” – chamada da matéria sobre menino de 3 anos fuma maconha</p> <p>1 “passageiros de um ônibus no rio viveram momentos de pânico”.</p> <p>1 Mulher atingida por um porco espinho.</p> <p>1 Aumento no índice de desemprego</p> <p>1 “Trabalhar de palitô e</p>

	gravata nesse calorão que está fazendo não é nada fácil” – chamada para a matéria sobre o uso de bermuda em escritórios 1comentário
Cintia Benine	1 “O agressor, acredite, é um pastor evangélico” – chamada para matéria sobre agressão a cachorro. 1 Nota Absolvição de Kassab 1 “lesão de Neymar deixou muitos torcedores brasileiros preocupados” 1 aumento da taxa de anuidade dos cartões de crédito
total	9

Tabela 6

Mesmo com dados objetivos, uma matéria ou nota pode assumir um caráter opinativo. Um exemplo é a atuação de Cintia Benine na seguinte nota: “E ainda sobre Kassab e a Controlar. A justiça de São Paulo absolveu o ex-prefeito em uma ação penal, sobre supostas irregularidades na contratação da empresa responsável pela inspeção veicular. O ministério público havia proposto a ação dizendo que Kassab havia concedido vantagem indevida a Controlar. O Ex-presidente da empresa também foi absolvido”.

A âncora usa recursos como modulação de tons na fala e um semblante fechado. Em sua fala, a jornalista dá ênfase nas palavras “vantagem indevida”. Também modula o tom de voz na frase “O ex-presidente da empresa também foi absolvido”, com entonação diferenciada na palavra “também”, o que faz o telespectador observar com mais atenção esses pontos.

Joseval Peixoto também faz uso desses recursos. Na chamada sobre uma mulher atingida por um porco espinho, ele diz: “Agora vejam só essa história, uma mulher que passeava com o cachorro na zona sul do Rio foi atingida na cabeça por um porco espinho. E acabou com quase 300 ferimentos no couro cabeludo”.

Joseval dá ênfase nas palavras “história” e “porco espinho”. O jornalista mantém um leve sorriso no rosto, até que muda de tom e muda o semblante para mais sério, quando diz que a mulher “acabou com quase 300 ferimentos” na cabeça. Num primeiro momento a situação parece cômica, pela maneira que o âncora a transmite – tom de voz, semblante descontraído. Mas, num segundo momento, na mesma chamada o jornalista assume uma postura mais séria. Ou seja, pela modulação de voz e mudança de semblante o âncora consegue levar o telespectador a duas conclusões em uma mesma chamada: ao mesmo tempo que a história é engraçada, teve consequências sérias.

Na matéria sobre o aumento da anuidade dos cartões de crédito, Cintia Benine faz a seguinte chamada: “Quem prefere usar os cartões de crédito deve ficar atento às taxas de anuidade dos bancos. O aumento assusta e pode chegar a mais de 1000%”. A jornalista dá destaque, em sua fala ao trecho final “mais de 1000%”, sinalizando que o aumento é realmente alto.

Joseval Peixoto também faz isso na nota sobre a nova forma de pesquisa de empregos do IBGE. O jornalista disse: “O novo e mais abrangente índice do IBGE divulgado hoje, mostra que o desemprego no país é maior do que se pensava. A pesquisa nacional por amostra de domicílios continua, indica que a taxa no segundo semestre do ano passado, ficou em 7,4%. Quase 1,5% a mais do que a pesquisa mensal de empregos, feita no mesmo período”.

A palavra “maior”, na frase “o desemprego no país é *maior* do que se pensava” ganha destaque na fala de Joseval. E no trecho final o dado “1,5% a mais”, também foi tratado com mais relevância na fala do jornalista. Essas situações estão sendo consideradas opinativas aqui porque são frutos de subjetividade. Para se dar ênfase a algo em uma frase, nota ou matéria é necessário interpretá-la, o que vai além da transmissão objetiva. Assim o público recebe não só a informação em si, mas a interpretação dela.

4.5 ANÁLISE JORNAL DA GLOBO 15 DE JANEIRO DE 2014⁷

Jornal da Globo – 15 de Janeiro de 2014	
Nº de vezes que apareceu na edição	Categorias opinativas
0	Editorial
0	resenha/crítica
0	Artigo
0	Crônica
0	Coluna
0	Caricatura (Charge)
0	Carta (Opinião do telespectador)
2	Comentário
2	Total

Tabela 7

Esta edição conta com um dos comentaristas fixos do jornal, Arnaldo Jabor. Nesta edição o jornalista teve o tempo de 1 minuto e 37 segundos para executar seu texto. Levando em conta que a matéria sobre Mutirão carcerário no Maranhão revê processos de detentos de Pedrinhas teve 1 minuto e 25, observa-se que este comentário ocupa um espaço considerável nesta edição.

⁷ Edição disponível no endereço eletrônico <http://g1.globo.com/jornal-da-globo/videos/>

O comentário de Arnaldo Jabor foi este:

O exército egípcio sempre foi muito popular, mesmo durante o governo de Mubarak. O referendo a essa nova constituição com 95% de apoio, confirma essa tendência que existe desde a época de ditadores militares como Nasser, passando por Sadat que foi assassinado de metralhadora pela irmandade mulçumana. O exército sempre foi uma figura de pai para o povo egípcio, submetido a uma tradição teocrática. Este referendo deve levar o general chefe Sisi a presidência em abril e será aclamado. Os egípcios pesam em segurança e controle, pois seu conceito de democracia é muito ralo e recente, nunca pensaram numa democracia americana, na tradição do iluminismo. Aliás, a despeito do autoritarismo duro, o Egito é hoje o único lugar do oriente médio onde se tenta uma constituição diferente, secular; contra o islamismo fanático. É um golpe sim, mas o Mursi também deu um golpe, submetendo o país a lei da xaria, a lei radical de Maomé. A situação é tão caótica e tão longe dos conceitos de democracia e liberdade, que é visível que o ocidente teme mais o terrorismo da Al Qaeda que o autoritarismo do exército. Estão com medo da Síria, Iraque, Paquistão e Irã; e com razão. Nessa época de sujas opções, é muito mais perigoso para a humanidade um califado islâmico com roupas atômicas. Golpe por golpe, secretamente o Ocidente torce pelos ‘milicos’.

Porém, nesta edição, William Waack também atuou como comentarista. De forma mais discreta e sucinta que Jabor, mas ainda sim com características de comentário. Na chamada da matéria sobre a melhora da economia mundial ele disse: “Banco mundial e Fundo monetário internacional acham que a economia mundial pode melhorar em 2014, mas os cenários trazem ameaças a países emergentes, como o Brasil. Vamos a Nova Iorque, com o repórter Alan Severiano, boa noite, Alan. Pelo jeito, Alan, bom pra eles, pra nós ruim”. Neste breve comentário o ancora não só anuncia a matéria, mas dá projeções do que ela pode significar para o nosso país.

Jornal da Globo 15 de janeiro de 2014	
Matérias e notas	Nº de opiniões verbais e não verbais
Juros e preços altos explicam a retração do consumidor brasileiro	0
Acidente mata sete pessoas e fere quatro no interior do RS	1 Christiane Pelajo classifica como “tragédia” 1 entonação p/ reforçar gravidade do acidente
MP ouve homem considerado peça-chave nas investigações sobre suposto cartel em São Paulo	0
Melhora na economia mundial deve prejudicar países emergentes	1 comentário Willian Waack 1 Alan Severiano “gargalos de infra estrutura <i>que a gente tanto conhece</i> ”
Ampla maioria aprova a nova constituição do Egito	1 Nota Willian Waack – classifica governo do Egito como “regime autoritário”
Número de campanhas de recalls aumenta em 2013	0
Alunos de universidades fechadas pelo MEC vão a Brasília pedir transferência	0
Papa Francisco substitui cardeais da comissão do Banco do Vaticano	1 Ilze Scamparini “O <i>controverso</i> IOR (Instituto para as Obras da Religião), centro de vários escândalos...” 1 “Com a decisão de hoje o papa deixou claro que o Banco do Vaticano sofrerá mudanças, mas ainda não se sabe quais”

Filme 'Praia do Futuro' representa o Brasil no Festival de Berlim	<p>Inota Christiane Pelajo – classifica o festival de cinema de Berlim como “um dos mais importantes do mundo”.</p> <p>1 “Wagner moura pode ser considerado um talismã...”</p>
Foto de família americana é roubada para anúncio no Brasil	<p>1Janaina Lepri “peregrinação por telefone”</p> <p>1 “o melhor jeito de se proteger é ler os termos de autorização, principalmente nas redes sociais, o que <i>quase ninguém faz</i>”</p>
Empresa de capital misto deve instalar cabo de fibra ótica entre o Brasil e a Europa	<p>1Camila Bonfim “(...)a previsão é que ele comece a operar a partir de 2016, ampliando a oferta de internet, o que pode, conseqüentemente, diminuir o custo para o consumidor e ampliar a velocidade de transmissão”</p> <p>1 “(...) importância geopolítica do projeto. Hoje, praticamente toda informação via internet, trocada entre o Brasil e o mundo, passa pelos Estados Unidos; país acusado de espionagem no ano passado”.</p>
Onda de ataques provoca a morte de 75 pessoas no Iraque	0
Empresas aéreas querem liberação de voos para a Copa do Mundo	1 Chama Christaiane Pelajo
Inflação faz o Banco Central subir a taxa básica de juro pela sétima vez	<p>1 Chamada William Waack</p> <p>1 chamada Christiane Pelajo</p>

	1 Roberto Paiva “O economista diz que a alta dos juros não deve parar por aqui, já que há setores onde os preços estão subindo muito acima da inflação, como é o caso dos serviços”.
Referendo confirma a popularidade do Exército no Egito	1 Comentário Arnaldo Jabor
Mutirão carcerário no Maranhão revê processos de detentos de Pedrinhas	0
FAB divulga relatório final sobre o incidente com o Boeing	1 Willian Waak “Momentos de <i>grave perigo</i> ”/ “momentos de <i>grande perigo</i> ” 1 “(...) <i>apenas</i> 600 metros do chão”
Número de mortos em temporal em Itaóca (SP) sobe para 13	0
Total: 18 matérias/notas	20 inserções opinativas

Tabela 8

Nesta edição, o número de inserções opinativas ultrapassou o de matérias e notas: 18 matérias/ notas e 20 inserções opinativas. Isto não significa que o jornal inteiro foi conduzido inteiramente por opinião, antes implica dizer que algumas matérias como a do mutirão carcerário no Maranhão nem mesmo tiveram esse tipo inserção detectados. Porém, algumas matérias tiveram duas inserções ou mais, que vão desde pequenas expressões até a angulação proposta.

Um exemplo de pequenas expressões de caráter opinativo está na matéria sobre a foto de uma família americana foi roubada para anúncio no Brasil. A Janaina Lepri começa a matéria em um tom descontraído e este fica claro quando, no momento em que descreve como um dos personagens da foto descobriu como a imagem de sua família foi parar no anúncio esta usa a expressão “peregrinação por telefone”. Descrição subjetiva, que nada tem de informação.

Em outro momento, falando sobre as leis que envolvem os direitos autorais de fotos e da própria imagem das pessoas a jornalista diz: “o melhor jeito de se proteger é ler os termos de autorização, principalmente nas redes sociais, o que *quase ninguém faz*”. Suposição que, ao menos na matéria, não é amparada com nenhum dado concreto, por isso também se enquadra como uma inserção opinativa.

Já no que diz respeito à angulação da matéria temos o exemplo da matéria relacionada ao novo cabo de fibra ótica que ligará Brasil e Europa. Junto de informações objetivas a cerca do fato, a repórter Camila Bonfim faz sua passagem com o seguinte texto: “(...)a previsão é que ele comece a operar a partir de 2016, ampliando a oferta de internet, o que pode, conseqüentemente, diminuir o custo para o consumidor e ampliar a velocidade de transmissão” – neste caso a repórter trata do fato e de suas *possíveis* conseqüências.

E, em outro momento da matéria, Camila trata da “importância geopolítica do projeto”. A repórter consulta um especialista e diz em seu off: “(...) Hoje, praticamente toda informação via internet, trocada entre o Brasil e o mundo, passa pelos Estados Unidos; país acusado de espionagem no ano passado”. Neste momento a repórter entrega ao público uma leitura subjetiva do fato.

O fato é: novo cabo de fibra ótica ligando o Brasil a Europa será construído. As leituras subjetivas: este novo cabo pode baratear o custo da internet para os brasileiros; pode ser uma boa política para fugir da espionagem americana.

Jornal da Globo 15 de janeiro de 2014	
Ancoras	Nº de vezes que transmitiram opinião: Forma verbal e não verbal
Willan Waack	1 FAB divulga relatório final sobre o incidente com o Boeing 1 Chamada William Waack – aumento da taxa básica de juros 1 classifica governo do Egito como “regime autoritário” 1 comentário – na chamada da matéria sobre melhora da economia para países ricos
Christiane Pelajo	1 chamada Christiane Pelajo – aumento taxa básica de juros 1 Chama Christiane Pelajo - Empresas aéreas querem liberação de voos para a Copa do Mundo

	Inota Cristiane Pelageo – Filme brasileiro concorrente no festival de Berlim 1 Acidente mata sete pessoas e fere quatro no interior do RS
Total	8

Tabela 9

Além do comentário de William Waack esta edição do Jornal da Globo contou com 8 intervenções opinativas de seus ancoras. Na matéria sobre o aumento da taxa básica de juros os dois atuaram de forma que podemos classificar como opinativa.

A chamada da matéria, que começa com William, ele diz: “A inflação *obrigou* o Banco Central a aumentar, pela *sétima vez seguida*, a taxa de juros básica da economia brasileira”. Nesta fala o ancora dá a informação da alta da taxa (informação objetiva) e a interpreta, ligando-a diretamente a inflação (informação subjetiva). Ele ainda acentua a informação “*sétima vez seguida*”, de forma a colocar relevância maior neste fato.

Desse ponto a chamada vai para Christiane Pelajo que diz: “A taxa Selic foi agora para 10,5% ao ano. O aumento de hoje até *acima* do esperado”. A informação de que a taxa aumentou “*acima*” do esperado pode ser considerada opinativa porque se configura como um desdobramento subjetivo da informação.

4.6 ANÁLISE SBT BRASIL DIA 15 DE JANEIRO DE 2014⁸

SBT Brasil – 15 de Janeiro de 2014	
Nº de vezes que apareceu na edição	Categorias opinativas
0	Editorial
0	resenha/crítica
0	Artigo
0	Crônica
0	Coluna
0	Caricatura (Charge)
0	Carta (Opinião do telespectador)
1	Comentário
1	Total

Figura 10

Esta edição também contou com um comentário Joseval Peixoto. Tratando mais uma vez de um dos temas apresentados na própria edição do jornal, ou seja, primando pela atualidade, o ancora da a sua visão do fato.

⁸ Edição no endereço eletrônico
<http://www.sbt.com.br/jornalismo/noticias/38291/SBT-Brasil-integra-15-de-janeiro.html>

Nesta edição Joseval comentou:

A cidade de São Paulo foi surpreendida hoje com uma espantosa decisão: três secretarias do município vão oferecer casa, comida e emprego aos usuários de droga da Cracolândia. Cerca de 300 dependentes serão levados para 4 hotéis do centro, onde vão morar com as diárias pagas pela prefeitura e ainda vão receber uma remuneração de R\$15 por dia, pra trabalhar na varrição da cidade. Mas se faltarem ao trabalho, não haverá problema, se a falta for por causa do vício e o dependente procurar a rede de saúde ele estará perdoado. A justificativa é até bonita, combater a vulnerabilidade social dos dependentes, a droga assim seria não a causa, mas a consequência da miséria, é um discurso bonito. Mas, na prática, não há ilusão. Esse ato representa, sem dúvida, a submissão do poder ao poder do crack. Falência do estado.

SBT Brasil 15 de janeiro de 2014	
Matérias e notas	Nº de opiniões verbais e não verbais
Garoto morre depois de receber descarga elétrica de fio partido	1 “Para os amigos, resta a saudade”
Assassinatos em região metropolitana do Rio	1 Carinne Cerqueira “Uma despedida que veio cedo demais” 1 “por enquanto aqui, ninguém se sente seguro”.
Policia ouve sobrevivente de chacina no interior de São Paulo	0
Proibida venda de armas de brinquedo em São Paulo	1 Cintia Benine “Esta proibida a fabricação e a venda de armas de brinquedo em São Paulo. O estado é o segundo a aprovar uma lei desse tipo no país, mas <i>não será fácil tirar os produtos de circulação.</i> ”
Suspeito de molestar sobrinha de MV Bill é espancado	1 Cintia Benine “suspeito, Vitor Fernandes Barbosa de 25 anos <i>apanhou muito</i> ”

Gangue de adolescentes assalta loja em Minas Gerasi	1 Joseval Peixoto “Você vai ver agora a ação de uma gangue em Minas Gerais A tranquilidade deles para assaltar uma <i>loja é impressionante</i> ”.
Prefeitura de São Paulo remove barracos da Cracolândia	<p>1 Joseval Peixoto “A possibilidade de um recomeço - Hoje prefeitura de São Paulo removeu os barracos da região da Cracolândia, centro da cidade. Dependentes, 300 deles se cadastraram, agora eles tem um quarto de hotel pra morar e a chance de retomar a vida, de uma forma digna”.</p> <p>1Kallyna Sabino “Dormir na rua agora, embaixo de uma barra, é passado. Hoje Edson tem aqui um quarto, que ele vai dividir com outros amigos. No quarto inclusive tem banheiro, com chuveiro, tudo limpinho, tudo muito confortável, pra quem um dia viveu ao relento” .</p> <p>1 “O que é oferecido é simples, mas eram coisas que eles não tinham e podem fazer a diferença no ânimo, na vontade de viver, de voltar a fazer parte da sociedade. E lá vai Edson e tantos outros, quem sabe a caminho de reencontrar o sentido da vida, sem as drogas.”</p>
Moradores do Rio sofrem com apagão.	0
Dicas de como evitar acidentes com raios	1 Cintia Benine “Você sabia que os raios provocaram a morte de 1.600 pessoas no Brasil, nos últimos 12 anos? <i>Não é um</i>

	<i>número assustador?”.</i>
Papa Francisco renova comissão de cardiais que fiscaliza Banco do Vaticano.	0
Banco central promove alta na taxa de juros básicos.	0
Reino Unido quer expulsar brasileiros que vivem ilegais no país	1 “O Brasil daqui rende poucos votos e muitos problemas”
Bebê queimada em ônibus no Maranhão tem alta.	1 Cintia Benine “ <i>Agora uma notícia boa e de esperança, sobre uma vítima da violência. Hoje, em São Luiz, recebeu alta a menina de um ano e meio que estava em um ônibus atacado por bandidos no Maranhão.</i> ”
Shoppings se preparam para enfrentar rolezinho	0
CBF cumprirá decisão de rebaixar a Portuguesa	0
Australiano tenta caçar tubaram com gaiola de pássaro/ Elefante vira carro de casal em safari/ Baleia atravessa em frente a um caiaque	1 Joseval Peixoto “E o mundo animal foi movimentado nesta quarta feira, você vai ver agora 3 reações violentas de bichos bem grandinhos. E repare que os seres humanos envolvidos nas histórias passam por maus bocados”
Pesquisa diz que o Brasil é um dos 10 países mais felizes do mundo	1 Joseval Peixoto “Mesmo na dificuldade o brasileiro não tira o sorriso do rosto”
Estratégia contra ladrões de fio de cobre	1 “o departamento de iluminação pública de São Paulo divulgou <i>um dado preocupante...</i> ”

Caravana Siga bem elege caminhoneiro do ano	1 Joseval Peixoto “A caravana Siga Bem é uma iniciativa que pensa na qualidade de vida dos caminhoneiros, esse trabalhador do Brasil que é tão simbólico, que percorre um território imenso e chega aos lugares mais distantes do país”. 1 “Dirigir um gigante desses não é pra qualquer um...”
13 vítimas na enchente em Itaoca – São Paulo	0
Total: 20	17

Tabela 11

Esta edição do telejornal SBT Brasil também tem exemplos interessantes de conteúdo subjetivo, mesclado a informações objetivas. Um exemplo é a matéria que trata dos assassinatos ocorridos na região metropolitana do Rio de Janeiro. A repórter Carinne Cerqueira começa sua matéria com a seguinte frase: “Uma despedida que veio cedo demais”.

Uma frase que não trás consigo informações objetivas, mas leva o espectador a entender, por meios subjetivos, do que se trata. No decorrer da matéria Carinne transmite dados objetivos no que desrespeito ao número de assassinatos, a data dos crimes e outros dados, porém, ao final da matéria há mais uma inserção que podemos entender como opinativa: “por enquanto aqui, ninguém se sente seguro” – uma vez que esta afirmação não é amparada por nenhum dado concreto, mas sim por observação da repórter e pela interpretação dos fatos.

Outra matéria que se destacou pela modalidade opinativa presente, em alguns momentos, foi a que tratava da destruição dos barracos da Cracolândia e a medida do governo de São Paulo para com os usuários de crack. Logo na chamada da matéria Joseval qualifica a medida como “A possibilidade de um recomeço”.

No conteúdo da matéria a repórter Kallyna Sabino faz uma passagem dentro de um dos quartos de hotel destinado aos usuários da droga. Ela descreve o que vê da seguinte maneira: “Dormir na rua agora, embaixo de uma barra, é passado. Hoje Edson tem aqui um quarto, que ele vai dividir com outros amigos. No quarto inclusive tem banheiro, com chuveiro, tudo limpinho, tudo muito confortável, pra quem um dia viveu ao relento”. Nesta fala a repórter não só descreve, mas qualifica o que vê.

Em outro momento da reportagem Kallyna diz: “O que é oferecido é simples, mas eram coisas que eles não tinham e podem fazer a diferença no ânimo, na vontade de viver, de voltar a fazer parte da sociedade. E lá vai Edson e tantos outros, quem sabe a caminho de reencontrar o sentido da vida, sem as drogas.” – Nesse momento a repórter está indo além do fato, supondo quais os seus possíveis resultados, mensurando e qualificando.

SBT Brasil 15 de janeiro de 2014	
Ancoras	Nº de vezes que transmitiram opinião: Forma verbal e não verbal
Joseval Peixoto	<p>1 comentário</p> <p>1 “Você vai ver agora a ação de uma gangue em Minas Gerais A tranquilidade deles para assaltar uma loja <i>é impressionante</i>”.</p> <p>1 “A possibilidade de um recomeço - Hoje prefeitura de São Paulo removeu os barracos da região da Cracolândia, centro da cidade. Dependentes, 300 deles se cadastraram, agora eles tem um quarto de hotel pra morar e a chance de retomar a vida, de uma forma digna”.</p> <p>1 “E o mundo animal foi movimentado nesta quarta feira, você vai ver agora 3 reações violentas de bichos bem grandinhos. E repare que os seres humanos envolvidos nas histórias passam por maus bocados”</p> <p>1 “A caravana Siga Bem é uma iniciativa que pensa na qualidade de vida dos caminhoneiros, esse trabalhador do Brasil que é tão simbólico, que percorre um território imenso e chega aos lugares mais distantes do país”.</p>
Cintia Benine	1 “Esta proibida a fabricação e a venda de armas de brinquedo em

	<p>São Paulo. O estado é o segundo a aprovar uma lei desse tipo no país, <i>mas não será fácil tirar os produtos de circulação.</i>”</p> <p>1 “suspeito, Vitor Fernandes Barbosa de 25 anos <i>apanhou muito</i>”</p> <p>1 “Você sabia que os raios provocaram a morte de 1.600 pessoas no Brasil, nos últimos 12 anos? <i>Não é um número assustador?</i>”.</p> <p>1 “<i>Agora uma notícia boa e de esperança</i>, sobre uma vítima da violência. Hoje, em São Luiz, recebeu alta a menina de um ano e meio que estava em um ônibus atacado por bandidos no Maranhão.”</p>
total	9

Tabela 12

Neste programa a participação dos âncoras foi bastante expressiva no que diz respeito a inserção opinativa. Dos 17 pontos opinativos localizados nesta edição, 9 são diretamente ligadas a ação dos apresentadores.

Cintia Benine fez uso de formações subjetivas nas chamadas de algumas matérias. Um exemplo é a matéria sobre a menina que teve queimaduras devido ao ataque a um ônibus e teve alta. Na chamada a ancora diz: “*Agora uma notícia boa e de esperança*, sobre uma vítima da violência. Hoje, em São Luiz, recebeu alta a menina de um ano e meio que estava em um ônibus atacado por bandidos no Maranhão”.

Joseval Peixoto, além de seu comentário habitual ao fim do jornal, também participou de forma opinativa em algumas de suas chamadas. Sobre um grupo de jovens que furta uma loja ele diz: “Você vai ver agora a ação de uma gangue em Minas Gerais. A tranquilidade deles para assaltar uma loja *é impressionante*”. – Nesta fala o âncora também faz uso de entonação diferenciada, dando ênfase as palavras “tranquilidade” e “impressionante”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da observação dos telejornais, a luz dos conceitos observados nos capítulos 2 e 3, podemos afirmar que o telejornalismo opinativo é mais explorado do que se supõe. Se consideradas as categorias opinativas em si, talvez haja discordância – nos quatro noticiários analisados apenas o comentário e a charge estavam presentes – essas são pouco exploradas pelos noticiários, porém o subjetivo está constantemente presente nessas produções telejornalística.

Partindo da ideia de um jornalismo completamente isento e imparcial tudo que se coloca em um grau subjetivo, em um primeiro momento, pode ser considerado opinativo. Entretanto essas amostras analisadas deixam claro que não há informação objetiva sem construção subjetiva. Muito do que se vê nos telejornais não pode ser organizado ou categorizado em “pura informação” ou “pura opinião”.

Ao longo de nossa análise tivemos vários exemplos de matérias que, ao mesmo tempo em que forneciam informações objetivas, também faziam o exercício de “comentar”, “analisar” ou “supor” algo. Um exemplo é a matéria da repórter Ilze

Scamparini, para o Jornal da Globo do dia 15 de janeiro. Nesta matéria a repórter informa sobre as mudanças no banco do Vaticano, promovidas pelo Papa Francisco.

No decorrer da matéria Ilze diz: “O *controverso* IOR (Instituto para as Obras da Religião), centro de vários escândalos...” – fazendo, em meio ao conteúdo opinativo, uma breve qualificação subjetiva. Ao final da matéria a repórter comenta: “Com a decisão de hoje o Papa deixou claro que o Banco do Vaticano sofrerá mudanças, mas ainda não se sabe quais” – não há nenhuma evidência concreta de que haverão mais mudanças do que as anunciadas, porém, em um exercício de analisar as ações do Papa, Ilze supõem que outras mudanças ocorrerão.

Muitos ligam a opinião a questões ideológicas. Esse pensamento não está totalmente errado, porém, quando falamos de telejornalismo a opinião vai além e ganha outras funções estratégicas. Observando, por exemplo, a atuação dos âncoras, muito decisiva para a inserção opinativa nos telejornais, percebe-se que a opinião é muito usada para dar o “tom” da notícia.

Para dar um exemplo mais claro, vamos recorrer ao SBT Brasil. Na edição do dia 17 de janeiro o âncora Joseval Peixoto faz uma chamada para uma matéria sobre a possível liberação de uso de bermudas em escritórios, durante o verão. O jornalista diz: “Trabalhar de palitô e gravata nesse calorão que está fazendo não é nada fácil”

Não há nenhum viés ideológico nesta frase, mas ela demonstra ao público que a matéria que virá a seguir tem um tom mais descontraído. Joseval demonstrou isso não só com o que disse, mas também com a maneira que disse – de forma mais solta, com um leve sorriso no rosto.

Esta é outra questão importante observada neste trabalho: a importância do “não verbal” para o telejornalismo opinativo. Os âncoras, em alguns momentos, conseguem transmitir ao público informações subjetivas, mesmo quando seus textos contêm apenas informações objetivas. Isso se dá com o emprego pontual de gestos, modulação de fala, expressões faciais, entre outros artifícios.

Outra utilidade importante para inserção de opinião nos telejornais é a possibilidade de aproximação com o público. Para exemplificar recorreremos também ao SBT Brasil, agora à edição do dia 15 de janeiro. Na chamada para uma matéria sobre como se proteger dos raios, Cintia Benine diz: “Você sabia que os raios provocaram a morte de 1.600 pessoas no Brasil, nos últimos 12 anos? *Não é um número assustador?*” - Esta pergunta, feita com a âncora olhando diretamente para a câmera, dá a sensação de a jornalista está falando diretamente com quem a está assistindo.

Também é importante observar que, apesar de linhas editoriais diferentes, os telejornais Jornal da Globo e SBT Brasil tem maneiras bem semelhantes de inserção opinativa. Mesmo com uma política editorial que defende a imparcialidade O Jornal da Globo, assim com o SBT Brasil, apresenta ao público um conteúdo que abrange informações objetivas e subjetivas.

O que diferencia os dois noticiários neste quesito é a presença de comentaristas fixos (como Arnaldo Jabor na edição do dia 15) e de charges no Jornal da Globo. Já no SBT Brasil o âncora Joseval tem sempre um espaço fixo (ao final do noticiário) para fazer um comentário.

Por fim, o objetivo deste trabalho não é condenar o conteúdo opinativo, muito pelo contrário, a principal conclusão desta análise é a de que opinião e informação atuam de forma integrada. Não há informação sem observação e compreensão subjetiva dos fatos. Noticiar é observar e transmitir ao público um produto que é resultado da avaliação do profissional do que é importante – isso, por si só já confere um caráter subjetivo a notícia. Porém isso não anula seu caráter informativo, as informações objetivas e subjetivas formam um mesmo quadro noticioso.

6 BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, Débora. A retórica no jornalismo opinativo: Uma análise da argumentação de Hélio Schwartsman. Trabalho apresentado como requisito para a conclusão do curso de jornalismo, UFV, 2009.

BARROS, Allan. et al. Jornal da Cultura: uma análise do modelo de telejornalismo opinativo e como a discussão deve ser inserida em um programa noticioso. In: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDICINPLINARS DA COMUNICAÇÃO, XIV, Recife. Anais... Ceará: UFC, 2012.

CARDOSO, Adalberto. Jornalistas: Ética e democracia no exercício da profissão. Disponível em <http://novosestudios.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/76/20080626_jornalistas_etica_e_democracia.pdf >

CHAPARRO, Manuel Carlos. Jornalismo não se divide em Opinião e Informação. Disponível em <http://www.oxisdaquestao.com.br/admin/arquivos/artigos/2012_7_31_14_34_6_09719.pdf >

COTES, Cláudia Simone Godoy. Apresentadores de telejornal: Análise descritiva dos recursos não-verbais e vocais durante o relato da notícia. 2000. Trabalho apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de mestrado em fonoaudiologia, PUC, São Paulo, 2000.

COUTINHO, Iluska Maria da Silva. O espaço opinativo no Telejornalismo brasileiro: um estudo de caso sobre o SBT Brasil. In: INTERCOM SUDESTE - SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDICINPLINARS DA COMUNICAÇÃO, XVIII, Bauru. Anais... Minas Gerais: UFJF, 2013.

DALLEGRAVE, Karolina. Estudo de casos dos telejornais “Jornal Nacional” e “SBT Brasil”: Linguagem Verbal e Não-Verbal dos Apresentadores. In: INTERCOM - SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDICINPLINARES DA COMUNICAÇÃO, 2007, São Paulo. Anais... Mato Grosso do Sul: UFMGS, 2007.

DUARTE, Elizabeth Bastos. Telejornais: Quem dá o tom?. Disponível em <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/332/287>>

FIDALGO, Joaquim Manoel Martins. O lugar da ética e da auto-regulação na identidade profissional dos Jornalistas. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6011/3/JFIDALGO_2006_Tese_Do_utoramento.pdf >

GOMES, Itania Maria Mota (Org). Generos Televisivos e modos de endereçamento no Telejornalismo. Salvador: EDUFBA, 2011.

KUCINSKI, Bernardo. Jornalismo, saúde e cidadania. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/icse/v4n6/25.pdf> >

MAIA, Jussara. Jornal Nacional - um jornalismo de opinião. Salvador: UJA, 2006.

MARTINS, Maria Angélica Seabra Rodrigues. Discurso, ideologia e persuasão no jornalismo opinativo. Disponível em < http://gel.locaweb.com.br/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N3_39.pdf>

ROLDÃO, Ivete Cardoso do Carmo. Um estudo da linguagem oral no telejornalismo brasileiro. In: INTERCOM - SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDICIPINARES DA COMUNICAÇÃO, Campo Grande. Anais... Campinas: PUC.

RUHEE, Paloma. A construção dos telejornais nacionais da Globo. Disponível em < <http://books.scielo.org/id/387/05> >

SANTOS, Milena Aparecida dos. et al. O jornalismo diário praticado na televisão: a diferença entre o jornal nacional e o repórter brasil. In: INTERCOM - SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDICIPINARES DA COMUNICAÇÃO, Caxias do Sul. Anais... Universidade Positivo, 2012

SILVA, Camila Pérez Gonsalves da. Âncora: posturas e evolução de uma atividade jornalística. Disponível em <http://www.insite.pro.br/2009/Junho/ancora_telejornalismo_camila.pdf >

SOUSA, Cíntia Aparecida de. et al. A opinião no telejornalismo brasileiro matutino. In: INTERCOM SUDESTE - SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDICIPINARES DA COMUNICAÇÃO, XVII, Ouro Preto. Anais... Uberlândia: UFU, 2012.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. Gêneros e formatos na televisão brasileira. São Paulo: Summus, 2004.

VASCONCELOS, Mariana Lima. et al. Caricatura no Jornalismo: O Gênero Opinativo em Prática. In: INTERCOM SUDESTE - SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDICIPINARES, XVII, Ouro Preto. Anais... Uberlândia: UFU, 2012

VENANCIO, Rafael Duarte de Oliveira. Jornalismo e linha editorial: Construção das notícias na imprensa partidária e comercial. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

VIZEU, Alfredo. Decidindo o que é notícia. Os bastidores do telejornalismo. Pernambuco: UFP, 2008.